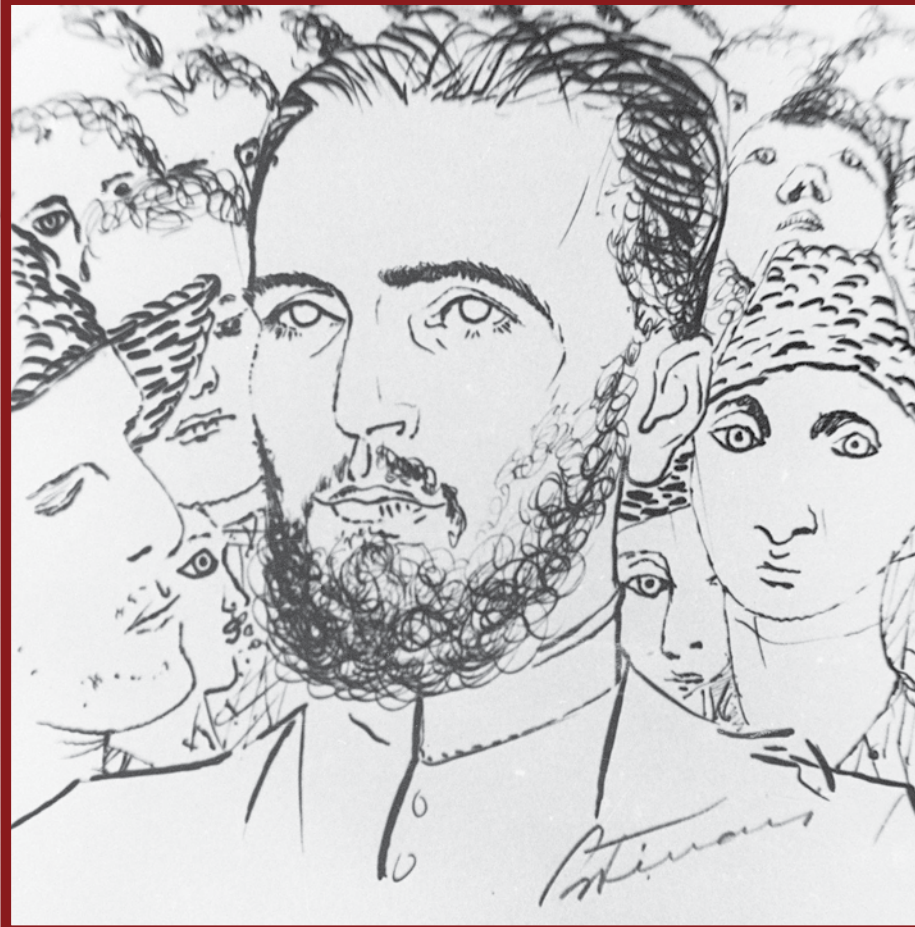



HOMENAGEM AOS
**90 ANOS DA
COLUNA PRESTES**



*A iconografia em torno da figura de Luiz Carlos Prestes inspirou inúmeros artistas.
Aqui, o traço de Portinari*



**AQUI TEVE INÍCIO
A MAIOR MARCHA MILITAR
DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE
25.000 Km INVICTA**



Na passagem por Santo Ângelo, Luis Carlos Prestes Filho posa diante do mural da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). O mural é uma obra coletiva de vários artistas locais.

https://cdm.grabois.org.br/pcdob-documentos/homenagem-aos-90-anos-da-coluna-prestes/?perpage=96&order=ASC&orderby=date&pos=24&source_list=collection&ref=%2Fpcdob-documentos%2F

Oswaldo Bertolino e Cezar Xavier

HOMENAGEM AOS 90 ANOS DA COLUNA PRESTES

1ª Edição



São Paulo
2015

HOMENAGEM AOS 90 ANOS DA COLUNA PRESTES

Produção

Fundação Maurício Grabois

Coordenação editorial:

Oswaldo Bertolino e Cezar Xavier

Fotos

Oswaldo Bertolino e Cezar Xavier

Revisão

Maria Lucília Ruy

Projeto gráfico, diagramação e capa

Laércio D'Angelo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Moura, Clóvis, 1925-2003

M929d Dialética Radical do Brasil Negro./ Clóvis Moura.—2.ed.-
-São Paulo : Fundação Maurício Grabois co-edição com
Anita Garibaldi, 2014.
336 p.

ISBN 978-85-7277-155-9

1. Escravidão – História - Brasil. 2. Negro - Brasil.
I. Título.

CDD 301.4493

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Copyright © 2015

Direitos desta edição: Soraya Moura

Editora e Livraria Anita Ltda.

Rua Amaral Gurgel, 447, 3º andar, cj. 31 – Vila Buarque

CEP 01221-001 – São Paulo – SP – Brasil

Fone: (11) 3129-3438

www.anitagaribaldi.com.br – livraria@anitagaribaldi.com.br



Fundação Maurício Grabois

Presidente

Adalberto Monteiro

Secretário-geral

Augusto César Buonicore

Diretor Administrativo e Financeiro

Leocir Costa Rosa

Diretor de Comunicação e Publicações

Fábio Palácio de Azevedo

Diretora de Formação

Nereide Saviani

Diretor de Estudos e Pesquisas

Aloísio Sérgio Rocha Barroso

Diretora de Políticas Públicas

Fabiane Azevedo Guimarães

Diretor de Temas Ecológicos e Ambientais

Luciano Rezende

Diretor de Cultura

Javier Alfaya

À Família Prestes

Prefácio



Um evento com a envergadura da Coluna Prestes, a marcha que pretendia revolucionar o Brasil de 1924, entrou para a mitologia nacional pelo inusitado de sua empreitada, pelo pioneirismo de sua estratégia e intenções, pelo heroísmo e solidariedade de seus combatentes e pela invencibilidade no confronto com as forças oficiais. Para trás, portanto, ficaram as marcas de admiração e coragem, mas também as controvérsias que uma luta sempre instiga.

Quando Maria Prestes, e seus filhos Mariana e Luís Carlos, chegam a Santo Ângelo, os marcos visitados são da memória, da homenagem e da mitificação do herói que ali começou a agitar as multidões com suas ideias.

A passagem por São Luiz Gonzaga, no entanto, expõe as cicatrizes da controvérsia, seja

na recepção inédita e cordial do comando do quartel ocupado pelos revoltosos, seja na gruta católica, feita em agradecimento por não haver derramamento de sangue no período em que Prestes esteve na cidade. Mesmo a bela pajada acompanhada de gaitas fez lembrar a resistência de vereadores em homenagear a celebridade de Luis Carlos Prestes, pedindo desculpas à família. Como eles, há intelectuais que preferem ressaltar os detalhes históricos amplamente explorados e distorcidos pela elite reacionária que combateu a Coluna.

Dessa plenitude de expressões, manifestações e emoções é feita a jornada dos Prestes pelo Rio Grande do Sul, em meados de 2014, ao celebrar os 90 anos da Coluna Prestes. Se poucos acompanharam, muitos viram partes isoladas desse périplo. Esta publicação em forma de álbum fotográfico se junta, agora, ao vídeo-documentário e às reportagens publicadas, no intuito de aproximar-se da completude da experiência que foi acompanhar e registrar a afeição dos gaúchos pelos Prestes e pelo que representou a Coluna de brasileiros de todo o território nacional em torno de um ideal de mudança.

Sumário

17

Coluna Prestes – 90 anos de história

<i>Santo Ângelo.....</i>	<i>17</i>
<i>Porto Alegre.....</i>	<i>28</i>
<i>Passo Fundo.....</i>	<i>33</i>
<i>Ijuí.....</i>	<i>34</i>
<i>São Miguel das Missões.....</i>	<i>36</i>
<i>São Luiz Gonzaga.....</i>	<i>38</i>
<i>Santa Maria.....</i>	<i>42</i>
<i>Porto Alegre.....</i>	<i>44</i>

49

Congresso Nacional

<i>Integra dos discursos.....</i>	<i>51</i>
<i>Deputada Luciana Santos.....</i>	<i>53</i>
<i>Senador Inácio Arruda.....</i>	<i>59</i>
<i>Marly de A. G. Vianna.....</i>	<i>77</i>
<i>Jô Moraes / Renan Calheiros.....</i>	<i>83</i>
<i>Deputado Assis Melo.....</i>	<i>87</i>





*Cavalarianos trajados a rigor
estavam esperando a comitiva
liderada por Maria Prestes na
entrada de Santo Ângelo*





Coluna Prestes no Rio Grande do Sul

Noventa anos de história



recepção foi a caráter. Cavalarianos trajados a rigor estavam esperando a comitiva liderada por Maria Prestes na entrada de Santo Ângelo, cidade da região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. De lenços vermelhos simbolizando a luta e a caminhada do lendário líder da Coluna, eles compuseram o belo cenário da recepção naquele começo de tarde chuvosa (sexta-feira, 30 de maio de 2014), com o monumento à Coluna Prestes — obra do arquiteto Oscar Niemeyer — ao fundo. Uma cavaliariana homenageava as vivandeiras, como eram chamadas as mulheres da Marcha que percorreu o Brasil entre 1924 e 1927. A vice-prefeita da cidade, Nara Damião Makvitz, liderou os representantes locais que foram receber a comitiva e dar a Maria Prestes o título de hóspede municipal. Acompanhavam a viúva do líder da Coluna os filhos Mariana e Luiz Carlos, o deputado estadual Raul Carrion (PCdoB) e os jornalistas da Fundação Maurício Grabois Osvaldo Bertolino e Cláudio Cezar Xavier.

Quase noventa anos antes, Prestes, conhecido como “Capitão de Santo Ângelo” e mais tarde “Cavaleiro da Esperança”, iniciou naquela cidade a caminhada que percorreria vinte e cinco mil quilômetros pelo país. No dia 28 de outubro de 1924, ele foi recebido pelo oficial de dia do quartel do 1º Batalhão Ferroviário para lhe entregar um telegrama da 3ª Região Militar, sediada na capital do estado, Porto Alegre, mandando que o comandante daquela unidade, major Eduardo Sá Siqueira Monte, passasse a tropa para o seu comando. O telegrama era falso, uma manobra para impedir possíveis resistências. Em 27 de dezembro de 1924, Prestes já estava em São Luis Gonzaga, cidade vizinha a Santo Ângelo, à frente de vários regimentos, esquadrões e tropas. Eram mil e quinhentos homens. O nome do presidente da República, Arthur da Silva Bernardes, foi apagado de uma placa no 4º Regimento de Cavalaria Blindado. No mesmo dia Prestes e seus comandados romperam as forças legais, rumando para o Norte do estado em direção ao Paraná para se juntar à “Divisão de São Paulo”, entre as cidades de Foz do Iguaçu e Catanduvas.

Natural de Porto Alegre, Prestes estava com 26 anos de idade. Órfão de pai aos dez, ex-aluno do Colégio Militar e da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, ele havia sido designado para trabalhos no Rio Grande Sul, inicialmente classificado como sub-comandante e capitão. Em 1923 solicitou desligamento do serviço do Exército. Enquanto aguardava a decisão, trabalhou como engenheiro de uma empresa concessionária de serviços. Nessa condição assumiu a liderança do movimento armado na região Missioneira gaúcha e foi se juntar às tropas do marechal Isidoro Dias Lopes, que se levantaram em São Paulo. Em 12 de outubro, Juarez Távora, um dos comandantes paulistas, escrevera a Prestes: “As forças revolucionárias, que ora se encontram na margem esquerda do rio Paraná, (...) devem orçar por cerca de três mil homens valentes, bem arma-



Em 27 de dezembro de 1924, Prestes já estava em São Luis Gonzaga, cidade vizinha a Santo Ângelo, à frente de vários regimentos, esquadrões e tropas. Eram mil e quinhentos homens. O nome do presidente da República, Arthur da Silva Bernardes, foi apagado de uma placa no 4º Regimento de Cavalaria Blindado. O atual Comando de Regimento garante a memória daquele momento com a exposição da placa na entrada do batalhão.



INICIADO A 27 DE NOVEMBRO DE 1921
SENDO PRESIDENTE DA REPUBLICA O EXMO. SR. DR.
EPITACIO PESSOA E MINISTRO DA GUERRA O
EXMO. SR. DR. J. PANDIÁ CALOGERAS.
INAUGURADO A 24 DE MAIO DE 1924, SENDO
PRESIDENTE DA REPUBLICA O EXMO. SR. DR.
MINISTRO DA GUERRA
O EXMO. SR. MARECHAL SETEMBRINO DE CARVALHO
E DIRECTOR GERAL DE ENGENHARIA O EXMO. SR.
GENERAL CANDIDO MARIANO RONDON.
ENGENHEIRO CONSTRUCTOR: FIRMO DUTRA.



PLACA COMEMORATIVA À INAUGURAÇÃO
DO REGIMENTO

Adulterada em 1924, por integrantes da Coluna Prestes
quando de sua passagem pela cidade.

No local raspado estava escrito o nome do então Presidente
da República, ARTUR BERNARDES.

dos e pletoricamente municidados.” A Grande Marcha logo revelaria ao Brasil e ao mundo a combatividade e o talento militar de Luiz Carlos Prestes.

Noventa anos depois, a fase inicial da “Coluna Invicta”, como ficaria conhecida mais tarde a “Grande Marcha”, foi reverenciada pelos cavalarianos de Santo Ângelo, que entregaram como lembrança o lenço vermelho para os representantes da família Prestes. Em retribuição, Maria presenteou o grupo com um exemplar do seu livro “Meu companheiro — quarenta anos ao lado de Luiz Carlos Prestes”. Em seguida, a cavalgada, seguida pela comitiva de Maria Prestes, desfilou pelas ruas da cidade até o Memorial Coluna Prestes, um belo exemplar da arquitetura ferroviária construída pelo engenheiro Luiz Carlos Prestes em 1923, um museu que reúne objetos e telas retratando a Coluna. Entre entrevistas para a imprensa local e pose para fotos, Maria e os filhos contemplaram os detalhes do museu. Segundo o professor Leonel Amaury Abreu Ribeiro, que trabalhou no Memorial, a presença de dona Maria e os filhos incentivaria a vontade da juventude de conhecer o episódio e buscar novos caminhos para o país.

Para o secretário de Cultura, Lazer e Juventude do município, Mario Simon, Prestes prestou muitos serviços na construção de quartéis e estradas de ferro na região. “Desde o primeiro dia que nos convidaram para fazer parte de uma comissão integrada pelo secretário de Turismo (Marcos Moreira Mattos) e pela secretária de Educação (Rosa Maria de Souza), sempre levei em conta que estávamos fazendo um trabalho de suma importância para o conhecimento, ou para revitalizar o conhecimento dos que já conheciam a história da Coluna Prestes”, disse ele. Um mapa com o percurso da Marcha, produzido pela Fundação Maurício Grabois, foi entregue à direção do Memorial e para representantes da prefeitura. A vice-prefeita, Nara Damião, disse que o local é bem visitado pela comunidade e alunos da universidade, que buscam informações sobre





Memorial Coluna Prestes, antiga estação ferroviária construída pelo engenheiro Luiz Carlos Prestes em 1923, agora mantém acervo de objetos e documentos da época.



A “Coluna Invicta” foi reverenciada pelos cavalarianos do CTG (Centro de Tradições Gaúchas) de Santo Ângelo, que entregaram como lembrança o lenço vermelho para os representantes da família Prestes. Em retribuição, Maria presenteou o grupo com um exemplar do seu livro “Meu companheiro — quarenta anos ao lado de Luiz Carlos Prestes”.



A vice-prefeita Nara Damião liderou a comitiva pela cidade.





A visita ao memorial de Santo Ângelo foi um diálogo com estudiosos e interessados na história da coluna. Mas foi também um encontro com contemporâneos da Coluna, que, carinhosamente, traziam objetos pessoais e memórias dos Prestes.



Aos jornalistas da Fundação Maurício Grabois, seu Antão, em sua residência, disse que o “Capitão de Santo Ângelo” era uma pessoa com uma visão política extraordinária. Ainda menino, testemunhou a liderança de Prestes.

um fato histórico de grande relevância. Para o presidente da Câmara Municipal, Diomar Lino Formenton, os moradores de Santo Ângelo se sentem gratificados por fazer parte dessa história, um legado que não pode ser esquecido.

A coordenadora do Memorial, Neiva Soardi, disse que a presença da família Prestes regatou a história da Coluna na cidade. “Essa visita enriquece o Memorial. Vimos moradores aqui, vieram conhecer. E o que a gente quer é a população se apropriando desse espaço, da sua história. É isso que o Memorial busca e por esse objetivo a gente cuida, valoriza e divulga esse espaço”, afirmou. Entre os moradores que foram recepcionar a comitiva estava uma senhora cujo pai, já idoso e com dificuldades de locomoção, chamado Antão, conhecera Prestes. Falando aos jornalistas da Fundação Maurício Grabois em sua residência ele disse que o “Capitão de Santo Ângelo” era uma pessoa com uma visão política extraordinária. “Ficávamos admirados com a capacidade dele. Chamava a atenção de todo mun-

do. Vale reverenciar a sua memória”, afirmou, lembrando que Prestes foi “um dos grandes engenheiros na construção da estrada de ferro” do ramal de Santo Ângelo. Segundo ele, o Brasil seria outro se o Cavaleiro da Esperança tivesse “ganhado a revolução”.

Falando aos moradores e à imprensa local, Maria lembrou os quarenta anos de convivência com Prestes e relatou curiosidades de sua vida. “Além de um importante líder político, ele foi um bom pai, sempre atento com os filhos, mesmo diante dos inúmeros compromissos que tinha naquela época”, disse ela. E completou, provocando gargalhadas: “Uma coisa que poucos sabem é que Prestes era um bom cozinheiro e também sabia muito bem descascar um abacaxi.” Luis Carlos Prestes Filho visitou as salas do Memorial e releu o *Manifesto* do pai ao povo de Santo Ângelo, de 29 de outubro de 1924. Ressaltou os ideais do Cavaleiro da Esperança contidos no documento e destacou a seguinte frase. “Já é tempo de lutar não peito a peito, mas ombro a ombro.” “Relembrar a Coluna Prestes é uma homenagem viva à nossa juventude, porque meu pai iniciou esse movimento histórico com 26 anos. Esse momento de celebração marca sonhos da Coluna que permanecem vivos no coração da sociedade brasileira”, comentou.

À noite, uma sessão especial da Câmara dos Vereadores homenageou os visitantes. Em seu discurso, Prestes Filho lembrou que na passagem dos 60 anos da Coluna, em 1984, a legislatura da época recusou-se a oferecer o título de Cidadão Honorário de Santo Ângelo ao Cavaleiro da Esperança. “Mas devemos entender as circunstâncias em que viviam aqueles vereadores”, disse ele. “Esta-

À noite, uma sessão especial da Câmara dos Vereadores homenageou os visitantes. Em seu discurso, Prestes Filho lembrou que em 1984, a legislatura da época recusou-se a oferecer o título de Cidadão Honorário de Santo Ângelo ao Cavaleiro da Esperança. Hoje, todas as forças políticas homenageiam o gaúcho que deixou uma marca forte na cidade.





vam em um regime autoritário e ninguém sabia qual seria a melhor atitude tomar”, comentou. Segundo Prestes Filho, a visita do pai foi importante; ele deixou depoimentos e imagens para o acervo histórico da cidade. Onze anos depois, lembrou o filho do Cavaleiro da Esperança, surgiu a ideia de construir o Memorial da Coluna, inaugurado em 1996 — a obra teve apoio do governo do estado, de algumas entidades civis e do famoso arquiteto Oscar Niemeyer. No mesmo dia, a comitiva foi recebida para um evento no campus da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), quando Maria participou de uma sessão de autógrafos do seu livro “Meu companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes”.



Sessão de autógrafos do livro “Meu companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes ” de Maria Prestes, animava a autora pelo interesse da juventude em torno de sua história.



Comitiva durante evento realizado no campus da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI)

O atual prefeito de Santo Ângelo, Valdir Andrés, recebeu com honras a família, marcando um novo momento histórico da cidade. Andrés era o vereador que se opunha à construção dos monumentos a Prestes.



A comitiva iniciou as atividades três dias antes, em 27 de maio de 2014, quando foi recebida pelo prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, e o governador do estado do Rio Grande do Sul, Tarso Genro. Em ambas as visitas, foram discutidos os trâmites para a inauguração do Memorial Luiz Carlos Prestes em Porto Alegre. O prefeito declarou os três membros da família Prestes “Hóspedes Oficiais do Município” e Maria agradeceu o empenho da prefeitura na instalação do Memorial na cidade, outra obra de Oscar Niemeyer. Ainda na capital gaúcha, dona Maria concedeu entrevistas e revelou o desejo de instalar uma placa na casa em que Prestes nasceu, no número 158 da Rua Riachuelo. “Essa nossa visita a Porto Alegre é um momento importante na saga de valorização da figura de Prestes e da nossa história revolucionária”, comentou Prestes Filho. Ele aproveitou a ocasião para revelar que está em negociação com governos do Nordeste para a construção de marcos em homenagem a Coluna Prestes. “A ideia é que todos os estados por onde passou a Coluna tenham um marco”, afirmou, lembrando que homenagens desse tipo já existem em Santa Helena (PR), Arraias (fronteira dos estados de Goiás e Tocantins) e Crateús (CE).

Na Assembleia Legislativa, familiares de Prestes receberam a “Medalha do Mérito Farroupilha” em memória do Cavaleiro da Esperança, a mais importante honraria do parlamento gaúcho, proposta pelo líder da bancada do PCdoB, Raúl Carrion. Associaram-se às homenagens, em apartes, os deputados Jorge Pozzobom (PSDB), Gerson Burmann (PDT), Alexandre Postal (PMDB), Raul Pont (PT) e Cassiá Carpes (SDD). Outra atividade da comitiva foi o lançamento



Maria Prestes é recebida pelo governador do estado, Tarso Genro.



A imprensa local deu ampla cobertura à visita dos Prestes.

O deputado Raul Carrion conduziu a homenagem a Prestes com a medalha do Mérito Farroupilha.



PLENÁ
20 DE SETE

TAQUIGRAFIA



Na Assembleia Legislativa, familiares de Prestes receberam a “Medalha do Mérito Farrroupilha”



do livro de Maria Prestes, no Memorial do Legislativo, onde também foi montada a exposição sobre a Coluna e o professor Paulo Vizentini (UFRGS) fez uma palestra sobre a Coluna. Neste mesmo local, esteve presente o ex-prefeito de Santo Ângelo, Adroaldo Loureiro, que enfrentou a oposição à época, para implantar o Memorial Coluna Prestes. Hoje, Loureiro é conselheiro do Tribunal de Contas do RS e o Memorial é ponto pacífico na cidade, atualmente administrada pelo líder da oposição à época da implantação, Valdir Andres, que recebeu a família Prestes com honras. Houve ainda a visita à Câmara Municipal, onde, por proposição da bancada do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) (formada pelos vereadores Jussara Cony e João Derly), Maria Prestes e os filhos foram homenageados. Recebidos pelo presidente, Professor Garcia, Maria retribuiu a deferência com exemplares do seu livro. “A mesa diretora da Câmara, que é multipartidária, assumiu como um todo a proposta do PCdoB. Isso é muito importante”, registrou Jussara Cony.



Houve ainda a visita à Câmara Municipal, onde, por proposição da bancada do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) (formada pelos vereadores Jussara Cony e João Derly), Maria Prestes e os filhos foram homenageados

O prefeito de Passo Fundo, Luciano Azevedo, recebeu oficialmente a família para discutir as celebrações dos 90 anos da Coluna.



Na Universidade de Passo Fundo, a família encerrou a passagem pela cidade com uma palestra para os estudantes.





A parada seguinte foi na cidade de Passo Fundo, norte gaúcho. A comitiva, recebida pelo vice-prefeito Juliano Rosso (PCdoB), por outras autoridades e intelectuais, tinha na agenda uma visita ao prefeito, Luciano Azevedo (PPS), e um evento na Universidade de Passo Fundo. Segundo Juliano, a cidade recebeu os familiares de Prestes com muita alegria. “A imprensa de Passo Fundo deu ampla cobertura para as atividades, todos bem recebidos, dando vazão a esse tema que precisa ser resgatado, falado e que foi tanto combatido de forma injusta nesses últimos 90 anos”, afirmou, acrescentando que muitas coisas foram escritas, de forma difamatória e caluniosa, sobre a Coluna. “Temos que aproveitar esse movimento para resgatar o fio da história da Coluna, a importância que ela teve para que o Brasil vivesse um período de democracia, com voto feminino, eleições democráticas, estabelecimento de instituições democráticas”, pontuou. Sobre a recepção do prefeito, Juliano disse que Luciano Azevedo é um democrata, que recebeu a família do Cavaleiro da Esperança com simpatia e se empolgou com a ideia de construir na cidade algo que homenageie Prestes.



Após a passagem por Santo Ângelo, berço da Coluna, onde foram recebidos com homenagens as mais diversas possíveis, como já relatado, a comitiva seguiu para Ijuí, onde os familiares de Luiz Carlos Prestes foram homenageados numa plenária do PCdoB, no Centro de Tradições Gaúchas local. O deputado federal Assis Melo e a vereadora Rosane Simon, como tantas outras lideranças locais, enfatizaram a importância do périplo da família Prestes pela região. Luiz Carlos Prestes Filho aproveitou para fazer um agradecimento especial ao PCdoB, por homenagear a trajetória de seu pai entre as dos maiores comunistas brasileiros, como João Amazonas e Maurício Grabois.

Em sessão da Câmara Municipal, a proponente da homenagem, vereadora Rosane Simon(PCdoB), se emocionou na tribuna ao falar do Cavaleiro da Esperança. Ela levou ao evento os músicos Ademir Pereira e Marcos Alves que cantaram uma canção chamada “Cavaleiro da Esperança”, assim como Luiz Carlos, que, entusiasmado, recitou um samba enredo da escola carioca Grande Rio, que sintetizava a trajetória de seu pai. Osvaldo Bertolino, da Fundação Maurício Grabois, discursou e registrou que a “Coluna Invicta” foi um importante acontecimento da história brasileira, de cujas raízes surgiram a luta pela democracia, pela soberania nacional. “Essa raiz brotou nessa região e isso deve ser motivo de orgulho. Falar de Luiz Carlos Prestes é lembrar de suas principais bandeiras: a democracia, o progresso social e a soberania da pátria”, destacou. Após os pronunciamentos, os familiares de Luiz Carlos Prestes receberam uma placa de homenagem do Legislativo Ijuicense.



O prefeito de Ijuí, Fioravante Ballin, recebe carinhosamente os Prestes.

Por onde passaram, os Prestes foram recebidos com o entusiasmo militante das lideranças do PCdoB. A secretária de turismo do RS, Abigail Pereira, participou da recepção aos Prestes na plenária eleitoral do PCdoB.





Luis Carlos Prestes Filho agradece ao PCdoB por homenagear a trajetória de seu pai entre as dos maiores comunistas brasileiros, ao lado de Amazonas e Grabois.



O destino a seguir seria o município de São Miguel das Missões, região onde ruínas das missões jesuítas atestam o contexto de lutas e fortes lideranças políticas que sempre marcaram a região. Ali, existe um roteiro turístico conhecido como Caminhos Revolucionários, que acompanha as trajetórias de Sepé Tiaraju, Andresito Guacurari, Luiz Carlos Prestes e Che Guevara pela região, avançando por quatro dias até a Argentina. Antes de conhecer as ruínas da célebre catedral jesuíta, considerada Patrimônio Histórico e Cultural Mundial, a caravana participou de um almoço num assentamento do Movimento Sem Terra (MST). Em seu discurso, Maria embargou a voz ao lembrar a história camponesa sofrida, de lutas e perseguições que seu pai teve, enquanto falava a lideranças camponesas da região. A galinhada caipira servida foi um dos momentos memoráveis da viagem, seguida de uma visita a uma aldeia indígena guarani que também se encontra próxima ao assentamento.



Entre assentados do MST, Maria afirmou que a Coluna Prestes deixou como semente movimentos como os dos sem terra.





As Ruínas missionárias atestam a história de lutas sociais na região por onde passou a Coluna.

Maria e os filhos foram recebidos com a liturgia mobilizadora do MST, além de uma caprichada galinhada caipira.



Na região das Missões ainda foi possível conhecer a aldeia guarani Tekoa Koeju.

No município vizinho, São Luiz Gonzaga, noroeste gaúcho, região das Missões, a trajetória da comitiva registrou um capítulo à parte, permeado de contradições. Enquanto alguns vereadores conservadores envergonharam os setores mais avançados da cidade, ao negar uma homenagem a Prestes na Câmara Municipal, outros segmentos sociais receberam os visitantes com deferência. O prefeito local, Junaro Rambo Figueiredo (PP), acompanhado de outras autoridades municipais, recebeu a comitiva e entregou a Maria um quadro da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Seguindo o roteiro de visitas, a comitiva foi recepcionada no 4º Regimento de Cavalaria Blindado pelo tenente-coronel Carlos Alberto Klinguelfus Mendes.

O local foi palco de um acontecimento histórico: ali Prestes montou as bases da Coluna. A placa cujo nome do presidente da República de 90 anos antes, Artur da Silva Bernardes, fora apagado, estava exposta na entrada do Regimento, da mesma forma que fora deixada pelos revolucionários. Carlos Alberto Klinguelfus Mendes explicou que fez questão de recolocá-la na entrada do quartel; agora ela deixa o acervo museológico para ficar em sua entrada, com a devida explicação histórica. Prestes foi promovido a general, no governo Collor, então Maria Prestes foi recebida como viúva de um general do exército. Uma recepção histórica, considerando que, em 1984, ao visitar a cidade, já bastante idoso, Prestes foi recebido de forma bastante hostil por aquele mesmo quartel. O batalhão assumiu estado de alerta, ameaçando atirar, caso Prestes se aproximasse.

A tarde prosseguiu com a visita à Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, erguida por um grupo de senhoras, em 1926, depois que Prestes passara na cidade. As forças legalistas aproximavam-se e, temendo um combate sangrento, elas se dirigiram à Igreja Matriz para rezar. Em conversa com o então vigário da Paróquia, Monseñor Wolski, fizeram a promessa de que se não houvesse combate,





À esquerda: O prefeito, Junaro Rambo Figueiredo (PP), entrega a Maria Prestes um quadro da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Abaixo: A comitiva, após a visita ao 4º Regimento de Cavalaria Blindado onde foi recepcionada pelo tenente-coronel Carlos Alberto.



Página da esquerda: Apesar da resistência da Câmara Municipal, o prefeito Junaro Rambo, acompanhou a comitiva da família por toda a agenda em São Luiz Gonzaga.

À esquerda: Visita à Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, erguida por um grupo de senhoras, em 1926, depois que Prestes passara na cidade, celebrando a passagem da Coluna sem derramamento de sangue.

a Gruta seria construída na parte mais alta da cidade, abrigando a imagem de Nossa Senhora de Lourdes. Segundo suas crenças, a graça foi alcançada e a promessa, cumprida. A gruta é toda confeccionada com grandes cristais semipreciosos e árvores fossilizadas buscadas em regiões longínquas do Estado. A poucos metros dali, na praça central da cidade, Luiz Carlos Prestes Filho plantou um ipê, que encontra-se vigoroso após um ataque de vândalos. O esforço da Prefeitura garantiu a recuperação da árvore.

São Luiz chama a atenção pela preocupação com a preservação de sua história. A cidade conta com um Instituto Histórico e Geográfico e um Museu Arqueológico, a Confraria Missioneira e a Casa do Poeta. Todos se uniram, sob a organização de Vânia Coimbra, para homenagear Prestes com esculturas, poemas, récita de pajada e música regional. O mestre pajador Orci Machado improvisou um emocionado lamento e pedido de desculpas pela indelicadeza dos vereadores conservadores, ao som das gaitas. Ainda na Galeria Histórica do Museu Arqueológico, os Prestes conheceram a escultura do Cavaleiro da Esperança, feita por Vinícius Ribeiro, que sonha fazer uma versão em tamanho real para um dos trevos da cidade. Pouco antes, a família visitou o Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, onde a presidenta, Ivone Ávila, e a presidenta de honra, Anna Olívia do Nascimento, conduziram a cerimônia que contou com a presença de autoridades, membros da diretoria e associados.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga foi um dos principais pontos de homenagem intelectual aos visitantes.



São Luiz conta com um Instituto Histórico e Geográfico e um Museu Arqueológico, a Confraria Missioneira e a Casa do Poeta.



À esquerda: Maria Prestes conheceu a escultura do Cavaleiro da Esperança, feita por Vinícius Ribeiro.



À esquerda: O mestre pajador Orci Machado improvisou um emocionado lamento e pedido de desculpas pela indelicadeza dos vereadores conservadores.



Ainda no museo arqueológico, Maria autografou exemplares de seu livro.

Após uma passagem por Ijuí, que culminou na visita ao prefeito Fioravante Ballin e a homenagem na Câmara Municipal, a última parada foi na cidade de Santa Maria, região central do estado. O prefeito, Cezar Augusto Schirmer (PMDB), recebeu os visitantes e afirmou que conhecera Prestes quando era deputado estadual em um evento na Assembleia Legislativa. George Konrad, historiador e dirigente estadual do PCdoB, disse que a visita dos familiares de Prestes representava o desafio de ampliar os conhecimentos sobre a Coluna, inclusive no âmbito universitário. Ele lembrou que o Cavaleiro da Esperança também passara pela cidade em 1987. Em homenagem na Câmara Municipal, proposta pelo vereador Werner Rempel (PPL), Maria fez o último lançamento do seu livro; o estoque tinha se esgotado, o que exigiu um sorteio dos exemplares restantes, disputa que deu um toque divertido ao fim de noite. A comitiva visitou a imprensa local e dona Maria concedeu mais uma rodada de entrevistas.



Em Ijuí, visita ao prefeito Fioravante Ballin e a homenagem na Câmara Municipal



Homenagem na Câmara Municipal de Santa Maria, proposta pelo vereador Werner Rempel (PPL), termina com sorteio de livros.





Em Santa Maria, região central do estado, o prefeito Cezar Augusto Schirmer (PMDB), recebeu os visitantes



A comitiva visitou a imprensa local e dona Maria concedeu mais uma rodada de entrevistas.



A homenagem na Câmara Municipal de Santa Maria encerra o périplo dos Prestes pelo interior do Estado. É hora de voltar à capital!

Em seguida, a comitiva voltou para Porto Alegre, a última etapa da caravana. A principal atividade seria a visita ao Memorial Luiz Carlos Prestes. Monumentalidade é a palavra que define o encontro da luta política de Prestes com a obra arquitetônica de Oscar Niemeyer, localizada às margens do Lago Guaíba, em frente ao anfiteatro do Por-do-Sol. Naquele lugar, onde ocorreram as grandes atividades do Fórum Social Mundial, durante tantos anos, e onde a multidão de todo o mundo admirava o por-do-sol rico de tons quentes, agora desponta no horizonte mais um edifício monumental de Niemeyer. A jovem Palmas, capital do Tocantins, tem sua versão do Memorial niemeyeriano à Coluna Prestes, assim como um totem modernista foi levantado na entrada de Santo Ângelo (RS), com desenho também doado pelo arquiteto carioca. Agora, a escultura branca e vermelha, com suas amplas vidraças refletindo e amplificando o poente, homenageia os sonhos de tantos lutadores sociais que por ali passaram, a exemplo de Prestes.

A caminhada em torno dos tapumes da obra, a procura da entrada para o Memorial Luiz Carlos Prestes, foi como um momento de suspense em que o despontar do edifício circular estampado com as luzes outonais do céu porto-alegrense pediu que parássemos de respirar por alguns instantes e tentássemos entender o significado daquelas curvas em meio à lama, caminhões e frenesi da empreitada. Não houve, no entanto, tempo para uma contemplação mais emocionada, pois, o prefeito José Fortunati, seus assessores, a comitiva do Instituto Olga Benário, responsáveis pela obra e várias equipes de jornalistas esperavam pela família no interior do edifício. Afinal, não é sempre que uma homenagem a Prestes conta com a presença de sua companheira de lutas.

Discute-se, ali mesmo, a possibilidade de inauguração da obra em 7 de março de 2014, data da morte de Prestes, já que outras datas anteriores desfavorecem a visibilidade de tal evento. Outubro,



A caminhada em torno do Memorial, foi como um momento de suspense em que o despontar do edifício estampado com as luzes outonais do céu porto-alegrense pediu que parássemos de respirar e tentássemos entender o significado daquelas curvas.





Monumentalidade é a palavra que define o encontro da luta política de Prestes com a obra arquitetônica de Oscar Niemeyer, localizada às margens do Lago Guaíba, em frente ao anfiteatro do Por-do-Sol



quando ocorreu o início da Coluna em Santo Ângelo, é mês de eleições gerais, em que o foco dos envolvidos na obra está voltado para comícios e angariar votos para seus candidatos. Janeiro, mês de nascimento do homenageado, é quando Porto Alegre silencia diante do êxodo da população em férias para o litoral. A expectativa em torno da inauguração do Memorial é enorme.

Conforme explica Ronald Moreira Dutra, vice-presidente do Instituto Olga Benário, foi esta entidade que idealizou e levou a cabo a construção do Memorial, materializado após mais de 10 anos de luta. Considerando-se que não há nenhum monumento dessa envergadura em homenagem a Getúlio Vargas, João Goulart ou Leonel Brizola, como lembra Nivaldo Cunha, tesoureiro da entidade, fica evidente o empenho e trabalho sistemático do Instituto desde a década de 1990, quando foi feita a doação do terreno para a obra. “Por isso, mesmo, queremos que o Memorial tenha um simbolismo que transcenda a homenagem a Prestes e à Coluna e seja uma homenagem às lutas populares”, salienta Cunha. Este conceito apresentado pela diretoria do Instituto se materializará em exposições que falem de tantas outras lutas sociais, desde aquelas ocorridas séculos atrás, até as atuais e permanentes, como a luta do MST pela reforma agrária.

Segundo eles, durante encontro com a família Prestes, logo à primeira chegada em Porto Alegre, no dia 28 de maio, é o Instituto que se empenhará para que o Memorial tenha vida perene em seu interior, para além da monumentalidade escultural vista na paisagem de Porto Alegre. Um dos últimos entraves para a obra, segundo Dutra, foi a morte naquele mesmo mês de maio, do lighting designer Peter Gasper. Terminar a iluminação exclusiva e refinada, toda baseada em materiais importados, sem o engenheiro favorito de Niemeyer tornou-se um obstáculo para acelerar o término da obra. O mobiliário também é outra providência meticulosa para atender às demandas do prédio.

A curadoria, conforme explica Dutra, está sendo formatada por uma fundação de direito privado capitaneada pela Prefeitura e pelas entidades e pessoas que ajudaram a construir o Memorial. Uma parte do Memorial é dedicada à trajetória da Coluna e outra parte é dedicada ao tempo na prisão, entre outros momentos da vida do homenageado. A maior parte do acervo será composta por material doado pela filha de Prestes, Anita Leocádia, e Maria Prestes, que o acompanhou nos últimos 40 anos de sua trajetória. O local oferece um auditório popular para 25 pessoas sentadas e mantém uma área livre para receber um público maior.

A obra é uma parceria público-privada em que a aprovação pela câmara municipal da doação do terreno da Prefeitura para a construção do Memorial ocorreu em 1990, no entanto, os recursos seriam disponibilizados somente após assinatura de parceria com a Federação Gaúcha de Futebol que, recebendo metade da área de 11,25 mil metros quadrados, assumiu em contrapartida o compromisso de execução da obra e da posterior manutenção e segurança do Memorial.

Foi essa estrutura em construção que Maria Prestes pode ver durante a visita, além de trocar impressões com o prefeito Fortunati e falar para a imprensa local da importância do Memorial para a cidade onde Prestes nasceu. O prefeito, por sua vez, disse aos jornalistas que esta é a primeira e única obra de Niemeyer em Porto Alegre, que portanto será uma referência urbanística. Ele destacou o fato desta obra unir dois grandes homens de renome internacional naquela cidade.

Houve a sugestão de subir as escadarias da Federação Gaúcha de Futebol, prédio de três andares, de onde é possível ver a parte superior do Memorial Luiz Carlos Prestes. Só lá do alto é possível ver com nitidez as curvas estilizadas do que dizem ser a foice e o martelo ou o percurso da Coluna, ou ainda um prédio que sangra



O clima de celebração contagiou os familiares durante sua última agenda gaúcha.

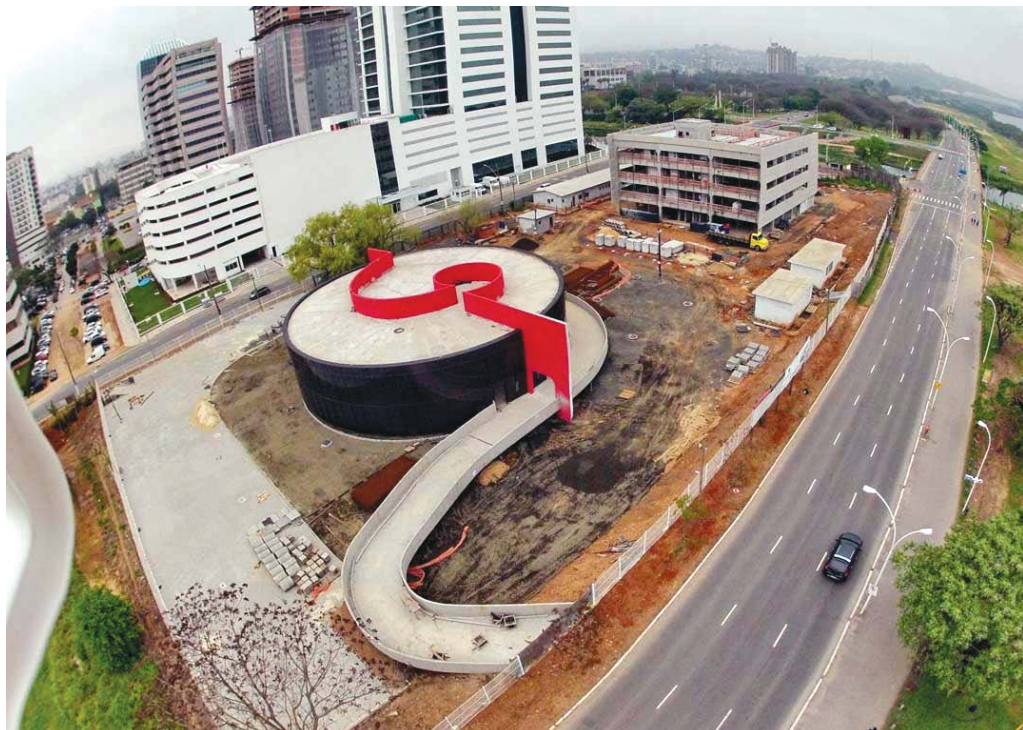


e escorre, assim como as curvas internas que levam a lugares sombrios da vida de Prestes. Talvez seja tudo isso e algo mais, como costumam ser as melhores obras icônicas e artísticas. “Quem passar de avião vai ver a serra e o martelo”, disse com um sorriso satisfeito Maria Prestes, enquanto olhava do alto a escultura onde o espírito de luta de Prestes morará pelos próximos séculos.

À esquerda: O prefeito José Fortunati, seus assessores, a comitiva do Instituto Olga Benário, responsáveis pela obra esperavam pela família no interior do edifício



Os Prestes ofereceram objetos pessoais ao Instituto Olga Benário, que administra o memorial.



Vista superior do Memorial Luiz Carlos Prestes, de onde é possível ver com nitidez as curvas estilizadas do que aparenta ser a foice e o martelo estilizados.

O agradecimento solene do Poder Legislativo a cada combatente da Coluna por sua contribuição à construção democrática do Brasil.



Congresso Nacional

20 de maio de 2014



Íntegra dos discursos em homenagem os 90 anos da Coluna Prestes no Congresso Nacional



solenidade proposta pela deputada federal Luciana Santos (PCdoB-PE) e pelo senador Inácio Arruda (PCdoB-CE) registrou em plenário a ressonância que a Coluna tem para os avanços democráticos do Brasil, nestes 90 anos.

A deputada Jô Moraes (PCdoB-MG) fez as honras de transmitir o discurso do presidente do Senado, o senador Renan Calheiros (PMDB-AL), que destacou o caráter de Luís Carlos Prestes, que atravessa de forma dramática os diversos momentos da incipiente democracia brasileira, contribuindo para sua consolidação.

O deputado federal Assis Melo (PCdoB-RS) apontou o pioneirismo de uma luta por resistência, que a Coluna dá início, e que estabelece os parâmetros para compreensão dos limites da democracia brasileira, sempre controlada pelas oligarquias que estabelecem seu curto alcance social.

A deputada Luciana Santos ressaltou a importância do resgate memorial da história do país, especialmente em momentos decisivos.

vos como grandes movimentos populares. A parlamentar lembrou as reivindicações que norteavam a Coluna em 1924, para mostrar como eram modernizadoras e permanecem atuais ainda hoje.

A historiadora Marly Vianna designa a Coluna e o movimento tenentista como um desses momentos fundamentais da democracia brasileira, que antecederam a organização da classe trabalhadora e abriram caminho para tantos outros movimentos sociais que viriam depois.

O senador Arruda, por sua vez, relatou com detalhes pitorescos a valentia dos jovens tenentes que enfrentaram a brutalidade do governo e dos latifundiários, sempre resistindo e mantendo o ânimo revolucionário.

Agrupados, estes textos formam um caleidoscópio da diversidade de causas e efeitos que a Coluna permite avaliar após 90 anos de afirmação nacional. A partir da interiorização da Coluna o Brasil passou a se conhecer melhor, servindo de paradigma para a proximidade que as lutas sociais sempre precisam manter em relação ao povo e suas demandas mais legítimas.

Deputada Luciana Santos



Sr^a Deputada Jô Moraes, que preside esta sessão solene; Exmo Sr. Senador Inácio Arruda, também signatário desta presente sessão; Deputado Federal João Ananias, Vice-Líder da Bancada do PCdoB na Câmara dos Deputados; Sr^a Maria do Carmo Ribeiro Prestes, viúva de Luís Carlos Prestes, comandante geral da Coluna; Diretor de Patrimônio Material e Fiscalização do Iphan, Sr. Andrey Rosenthal Schlee; Professora aposentada da Universidade Federal de São Carlos, Sr^a Marly Viana; Srs. Deputados, Sr^{as} Deputadas, estudantes, todos os convidados que acompanham este evento, para nós, esta sessão solene se reveste de uma importância muito grande, pois, além do significado da data que marca, que, na verdade, é no dia 28 de outubro, ela reafirma a importância que tem a organização e a luta do povo para os desafios contemporâneos.



memória de um povo é a alma da nação. A memória coletiva de um povo se constrói de forma um tanto arbitrária, diria Lima Barreto, sendo que os discursos tradicionais contribuem para essa construção com determinados interesses.

Hoje, nesta homenagem aos 90 anos da Coluna Miguel Costa Prestes, vamos abordar sob um ponto de vista popular aquele período rico do nosso País. Com esse espírito legislativo brasileiro, esta sessão solene do Congresso Nacional dá sua contribuição ao resgate da memória de um dos momentos mais decisivos da história política do Brasil.

A Coluna Miguel Costa Prestes, que acabou sendo conhecida nos livros de História simplesmente como Coluna Prestes, fez parte do chamado Movimento Tenentista, um dos momentos mais destacados da oposição democrática à República oligárquica de 1889 a 1930. Três grandes vertentes de resistência propiciaram as condições objetivas para o surgimento e o desencadeamento da grande marcha da Coluna: o Levante do Forte de Copacabana, em 05 de julho de 1922, o Levante Tenentista de 05 de julho de 1924, em São Paulo, e o Movimento de Solidariedade aos Revoltosos Paulistas, articulado em 28 de outubro de 1924 em vários quartéis do Estado do Rio Grande do Sul, entre eles o Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo, comandado pelo jovem capitão Luís Carlos Prestes - isto foi aqui retratado em um pequeno filme a que assistimos no início desta sessão -, que, posteriormente, viria a se tornar Senador da República de 1946 a 1948. Logo em seguida, teve seu mandato cassado, e, recentemente, o Senado, em sessão histórica, por iniciativa da Deputada Jandira Feghalli e também do Senador Inácio Arruda, recuperou o mandato de Prestes e de vários outros Parlamentares progressistas. Na Revolta dos 18 do Forte, como ficou conhecida, jovens oficiais enfrentaram o poderio das forças governistas. Nesse conflito desigual, apenas dois revoltosos sobreviveram: Eduardo Gomes e Siqueira Campos.

O segundo levante tenentista aconteceu em São Paulo, com a adesão da Força Pública Estadual, que obrigou o Governador e o chefe militar da região a abandonarem a capital paulista.





O Presidente Artur Bernardes decretou estado de sítio e, em uma atitude inédita, autorizou o bombardeio da cidade, que mostra suas cicatrizes até hoje para quem visita o Largo Santa Ifigênia. Os revoltosos conseguiram romper o cerco governista e se dirigiram para o interior até o Estado do Paraná.

Justamente em solidariedade ao Movimento Tenentista de São Paulo, os revoltosos gaúchos, a partir dos quartéis comandados por Prestes, unem-se a outros revolucionários como Antônio de Siqueira Campos, Osvaldo Cordeiro de Farias e João Alberto Lins de Barros e iniciam sua cruzada libertadora que percorreria todo o País.

No Paraná, a coluna gaúcha se encontra com a coluna paulista, formando a famosa Coluna Miguel Costa Prestes. Esse movimento galvanizou os setores insurgentes contra tudo o que a oligarquia brasileira da época representava: impostos exorbitantes, desonestidade administrativa, falta de justiça, mentira do voto, amordaçamento da imprensa, perseguições políticas, desrespeito à autonomia dos Estados, falta de legislação social, reforma da Constituição sob o estado de sítio, entre outras bandeiras libertárias.

Quero destacar, neste momento, o papel das mulheres, que, contra todos os preconceitos, também pegaram em armas e prestaram relevantes serviços e apoio logístico aos revoltosos.

A Coluna Prestes percorreu uma distância de 25 mil quilômetros, atravessando 13 Estados brasileiros do Sul, do Sudeste, do Centro-Oeste e do Nordeste.

Acaba de chegar o nosso Inocêncio Oliveira aqui, na nossa sessão.

Assim, transformou-se numa das maiores marchas militares da história mundial. O líder da Revolução Chinesa, Mao Tsé-Tung, cita, em seus escritos militares, a importância do exemplo que a Coluna Prestes significou para a Grande Marcha na China de 1934 a 1935, manobra militar fundamental para a vitória da Revolução Chinesa.

Arquivo





Em Pernambuco, também houve a chamada revolta Os 12 da Rua Velha. Na verdade, eles foram inspirados na Revolta dos 18 do Forte de Copacabana. O Governador da época se chamava Sérgio Loreto. O Manifesto ao Povo tinha muitos princípios também a defender. Vejam que muitas bandeiras daquela época eram bandeiras contemporâneas: amparo e proteção à infância e à velhice; assistência hospitalar e doméstica; debelação dos males que dizimam as populações rurais e urbanas; remoção das causas promotoras da carestia de vida; garantia de trabalho e da economia nacional; fomento à circulação das riquezas; independência da Justiça; organização da instituição pública profissional e técnica, gratuita e obrigatória; liberdade de reunião, de pensamento, de voto, de crença; equilíbrio nos orçamentos governamentais e responsabilidades administrativas.

A saga da Coluna Prestes terminou invicta, em 3 de fevereiro de 1927, quando Prestes e seus companheiros se embrenharam na Bolívia, com 620 combatentes. Por sua vez, Siqueira Campos se abrigou no Paraguai, com 65 homens. Por não ter sido derrotada em toda a sua trajetória, ganhou a denominação de Coluna Invicta. O fato é que a Coluna e sua memória animaram a oposição liberal e popular, enfraquecendo de morte a República Velha. A própria Revolução de 1930, comandada por Getúlio Vargas, com a participação de muitos ex-tenentes, não poderia ter sido vitoriosa sem que o terreno fosse semeado pela Coluna Prestes e o Tenentismo. Muitos dos avanços democráticos e sociais que vieram a ser conquistados posteriormente já estavam presentes nas bandeiras e programas daqueles jovens oficiais revolucionários.

O espírito da Coluna Prestes, senhoras e senhores, deve manter-se vivo na combatividade da nossa juventude. Por isso, é importante que se conheça a história e que se compreendam as mudanças e os avanços resultantes dos atos de coragem dos heróis da nossa Pátria.



*Sr. Ezidro Pires Nardes,
combatente da Coluna
Prestes, ainda vivo*

Assim, “a marcha segue nas lutas do povo, para fazer avançar o Brasil que a Coluna descortinou”.

Eu gostaria de agradecer, em nome do Congresso Brasileiro, a presença de Maria Prestes, viúva de Luís Carlos Prestes; de sua neta, Ana Maria Prestes, e dos demais familiares; de Yuri Abyaza Costa, neto de Miguel Costa; o esforço de Tatiana Lins de Barros, neta de João Alberto Lins de Barros, que ainda está a caminho desta sessão; de Nelson Persigo, primo de Cezario Pires Vargas; de Letícia Cabanas de Paiva Azevedo, neta de João Cabanas; de Cleiton Weizenmann, historiador que aqui representa o Sr. Ezidro Pires Nardes, combatente da Coluna

Prestes, que, como descobrimos agora, ainda está vivo e que, aos 104 anos, não teve condições de viajar para participar desta sessão. Agradeço também ao apoio dado pela Fundação Maurício Grabois, a várias outras entidades e movimentos populares e dos trabalhadores que tornaram possível a realização desta sessão solene, que marca o início das comemorações dos 90 anos da Coluna Prestes.

Para encerrar, Sr^a Presidente, homenageio a Coluna Prestes na figura do Cavaleiro da Esperança, parafraseando Pablo Neruda: “Nenhum dirigente comunista da América Latina teve uma vida tão trágica e portentosa quanto Luís Carlos Prestes”.

Que sua memória siga inspirando homens e mulheres de nosso País, para que sigamos firmes na luta, defendendo o desenvolvimento, o avanço e a soberania.

Muito obrigada.

Deputada Luciana Santos (PCdoB - PE)

Senador Inácio Arruda



o dizer de Caio Prado Júnior, a Coluna Prestes foi “um dos episódios máximos da história brasileira”. A Grande Marcha percorreu entre 25 mil e 36 mil km do interior de nosso país – seus historiadores, analistas e comentaristas nunca chegaram a um consenso sobre o total de seu percurso. Envolveu homens e mulheres idealistas, abnegados, que abandonaram o conforto de seus lares e suas famílias para se embrenharem no Brasil, ansiando por uma vida melhor para a nossa gente.

À época da Coluna, o mundo vivia grave crise econômica e a Europa se reconstruía, após a guerra que ocorreu em seu território entre 1914-18. Na Rússia, a construção do socialismo dava seus primeiros passos. O Brasil era um país dependente. De acordo com o Censo de 1920, existiam pouco mais de 27 milhões de brasileiros. A estrutura política estava deteriorada.

Já durante o Império, os militares brasileiros manifestaram seu inconformismo e atuaram politicamente, tanto na luta pela abolição, quanto na luta pela República. Mas, com a nova forma de governo, o poder federal continuou dominado por reduzido

grupo de políticos. Governadores e prefeitos tinham poderes quase absolutos, subordinando os legislativos e o judiciário. A ordem social perversa, imposta pela oligarquia latifundiária; o sistema eleitoral extremamente corrupto, onde até mortos votavam, impossibilitando a mudança pelas urnas, causavam descontentamento generalizado. Esse sentimento mobilizou os oficiais das Forças Armadas, nos anos 1920, em especial. Em 6 de julho de 1922, os militares se rebelaram na Escola Militar, no Rio de Janeiro, então capital do país, e no Forte de Copacabana. Protestavam contra o fechamento do Clube Militar e estavam insatisfeitos com a derrota do candidato presidencial que apoiavam, Nilo Peçanha, para Arthur Bernardes, ligado à oligarquia de São Paulo. O Forte foi bombardeado e a rendição dos rebeldes foi exigida. O tenente Siqueira Campos e um grupo de militares pegaram armas e marcharam pelas ruas em direção ao Palácio do Catete (sede do governo federal na época). Durante a marcha, alguns militares desistiram, ficando apenas 17 que receberam o apoio na rua de um civil, totalizando 18. Os rebeldes foram cercados pela tropa do Governo Federal. Após forte tiroteio em frente ao Posto 3 da praia de Copacabana, somente Siqueira Campos e Eduardo Gomes sobreviveram, e foram presos. Os outros dezesseis foram mortos. A rebelião foi esmagada, mas a revolta não. Os tribunais condenaram 50 oficiais que participaram do levante a pena de prisão, de 5 a 20 anos. A patente da maioria dos oficiais revoltosos era a de tenente, eram jovens com menos de 30 anos. Seu movimento ficou conhecido como Tenentismo – e a Coluna Prestes, dois anos depois, foi a sua expressão máxima.

Na madrugada de 5 de julho de 1924, remanescentes do movimento de 22, rebelaram-se, em São Paulo, e tentaram depor o governo do Estado. O governo respondeu com artilharia





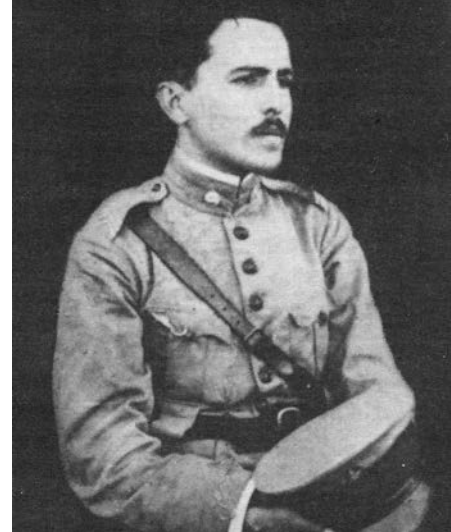
Durante a marcha, alguns militares desistiram, ficando apenas 17 que receberam o apoio na rua de um civil, totalizando 18. Os rebeldes foram cercados pela tropa do Governo Federal. Após forte tiroteio em frente ao Posto 3 da praia de Copacabana, somente Siqueira Campos e Eduardo Gomes sobreviveram.

pesada e aviões que bombardearam os bairros ocupados pelos rebeldes. Foram 18 mil governistas contra 7 mil rebeldes. Para evitar a continuidade dos bombardeios e o cerco por tropas vindas de outros Estados, os tenentistas organizaram a retirada de seus 3.500 combatentes, levando peças de artilharia, munições e meios logísticos para prosseguimento da luta. A Coluna Paulista, como ficou conhecida, era chefiada pelo general Isidoro Dias Lopes, major Miguel Costa e pelos tenentes Eduardo Gomes e Juarez Távora (seu irmão, capitão Joaquim Távora, morreu nos combates em São Paulo). Seguiu para o Paraná, onde se instalou em Catanduvas. Ainda no mês de julho, na Amazônia, os tenentes lançaram um manifesto, denunciando que o povo – ignora o que seja o regime democrático, vive maltrapilho e faminto”.

Em outubro, novo movimento tenentista surge na região de Missões, no Rio Grande do Sul, liderado pelos tenentes Siqueira Campos e João Alberto e o capitão Luís Carlos Prestes. Cercado pelas tropas governistas, os rebelados conseguem escapar. Em Santa Catarina, no combate de Maria Preta, quando se viu atacado por forças legalistas do norte e do sul, Prestes determinou a retirada de seus soldados, e as tropas governamentais combateram entre si, por mais de 4 horas, sofrendo mais de 200 baixas. Os rebeldes gaúchos se encontraram com os rebeldes de São Paulo, em Foz do Iguaçu, no Paraná. No dia 14 de abril de 1925, editaram o Boletim nº 1 do Comando da 1ª Divisão Revolucionária, o que pode ser considerado o início da Coluna Prestes.

Por proposta de Luís Carlos, os militares resolveram não se exilar e formaram quatro destacamentos, comandados por Cordeiro de Farias, João Alberto, Siqueira Campos e Djalma Dutra, com Miguel Costa como

Prestes, no início da carreira militar.



A Coluna Paulista, como ficou conhecida, era chefiada pelo general Isidoro Dias Lopes, major Miguel Costa e pelos tenentes Eduardo Gomes e Juarez Távora





Os rebeldes gaúchos se encontraram com os rebeldes de São Paulo, em Foz do Iguaçu, no Paraná. No dia 14 de abril de 1925, editaram o Boletim nº 1 do Comando da 1ª Divisão Revolucionária, o que pode ser considerado o início da Coluna Prestes.

comandante e Prestes como chefe do Estado-Maior. O general Isidoro não participaria das batalhas, devido à sua idade avançada. Prestes defendeu a guerra de movimento, acolhendo os inconformados que fosse encontrando pelo caminho. “A guerra no Brasil, qualquer que seja o terreno, é a guerra de movimento. Para nós, revolucionários, o movimento é a vitória. A guerra de reserva é a que mais convém ao governo, que tem fábricas de munição, fábricas de dinheiro e bastantes analfabetos para jogar contra as nossas metralhadoras”, justificou a decisão, em carta para o general Isidoro.

Em 30 de abril, a vanguarda da Coluna entrou em Mato Grosso, depois de uma rápida passagem pelo Paraguai. Enfrentando destacamentos governistas bem-dotados de efetivos e suprimentos, inclusive meios de transporte, combatia somente em condições favoráveis, conseguindo assim armamento e munição. Levou 53 dias para chegar, da serra de Maracaju, fronteira mato-grossense com o Paraguai, à serra de Santa Marta, divisa com Goiás. Neste Estado, foi para o divisor entre o Tocantins e o Araguaia, de onde se dirigiu para Minas, para o trecho deserto da Bahia e retornou a Goiás, chegando a Porto Nacional no dia 28 de outubro. Em seguida, cortou o Maranhão, de oeste para leste, e entrou no Piauí. Daí, seguiu para Pernambuco e, de lá, para o Ceará.

Em janeiro de 1926, cerca de 130 homens da Coluna, comandados pelo capitão João Alberto, estiveram na cidade de Ipu. Os poderosos locais espalharam boatos de que aquela era uma “coluna de ateus interessados em prostituir as mulheres”. Na noite de 12 de janeiro de 1926, o batalhão da Coluna, saindo do Piauí, chegou ao Ceará passando por Ipueiras, Ipu, Nova Russas, Crateús, Novo Oriente, Quiterianópolis e Arneiroz. No dia 15, os revolucionários trocaram tiros com a polícia em Crateús. (Em

Na noite de 12 de janeiro de 1926, o batalhão da Coluna, saindo do Piauí, chegou ao Ceará passando por Ipueiras, Ipu, Nova Russas, Crateús, Novo Oriente, Quiterianópolis e Arneiroz. No dia 15, os revolucionários trocaram tiros com a polícia em Crateús.

Em 2006, foi inaugurado na cidade um monumento, criado por Oscar Niemeyer, para celebrar a passagem da Coluna Invicta.





2006, foi inaugurado na cidade um monumento, criado por Oscar Niemeyer, para celebrar a passagem da Coluna Invicta). No povoado de São Domingos, já sob o comando de Luís Carlos Prestes, a Coluna novamente enfrentou as forças governantes, no dia 22. Sempre evitando conflitos desnecessários, os revolucionários foram para Acopiara, Iguatu e Solonópolis e entraram na Paraíba. Uns trinta rapazes cearenses, sob a chefia de Alfredo Sobreira, iam se reunir à Coluna, mas foram aprisionados pela polícia paraibana, foram todos sangrados, com exceção do próprio Sobreira, que conseguiu escapar dando 500 mil réis ao bandido que ia matá-lo. Orelhas dos cadáveres dos colonistas foram cortadas por jagunços, para apresentarem aos comandos governistas e receberem prêmios.

A 3 de março de 1926, a Coluna atingiu a divisa do Rio Grande do Norte, de onde foi para a Paraíba e, novamente, Pernambuco. Novamente foi à Bahia. A coluna entrara no Maranhão, em novembro de 1925, com cerca de 900 homens; chegou à Bahia com perto de 1.200. Entrou em Minas e retornou à Bahia e a Pernambuco. Nas operações na Bahia, que levaram quatro meses, enfrentou forças calculadas em mais de 30 mil homens, entre tropas legalistas e grupos de jagunços ligados aos latifúndios. Perdeu pouco mais de 200 homens. De Pernambuco, retornou ao Piauí e novamente à Bahia e Goiás, transpondo a zona do Jalapão. Em 22 de outubro, seu efetivo era de menos de 600 homens, praticamente desarmados e desmuniçados. Em 3 de fevereiro de 1927, entrou na Bolívia, com 620 homens, 90 fuzis, quatro metralhadoras, e cerca de 8 mil tiros. Percorrera, segundo Lourenço Moreira Lima, o secretário da Coluna, 25.500 km; segundo Prestes, 36 mil km.

Em algumas ocasiões, a tropa carecia de mantimentos. Quando atravessou o Pantanal, “estava a pé e sem recursos, ali-

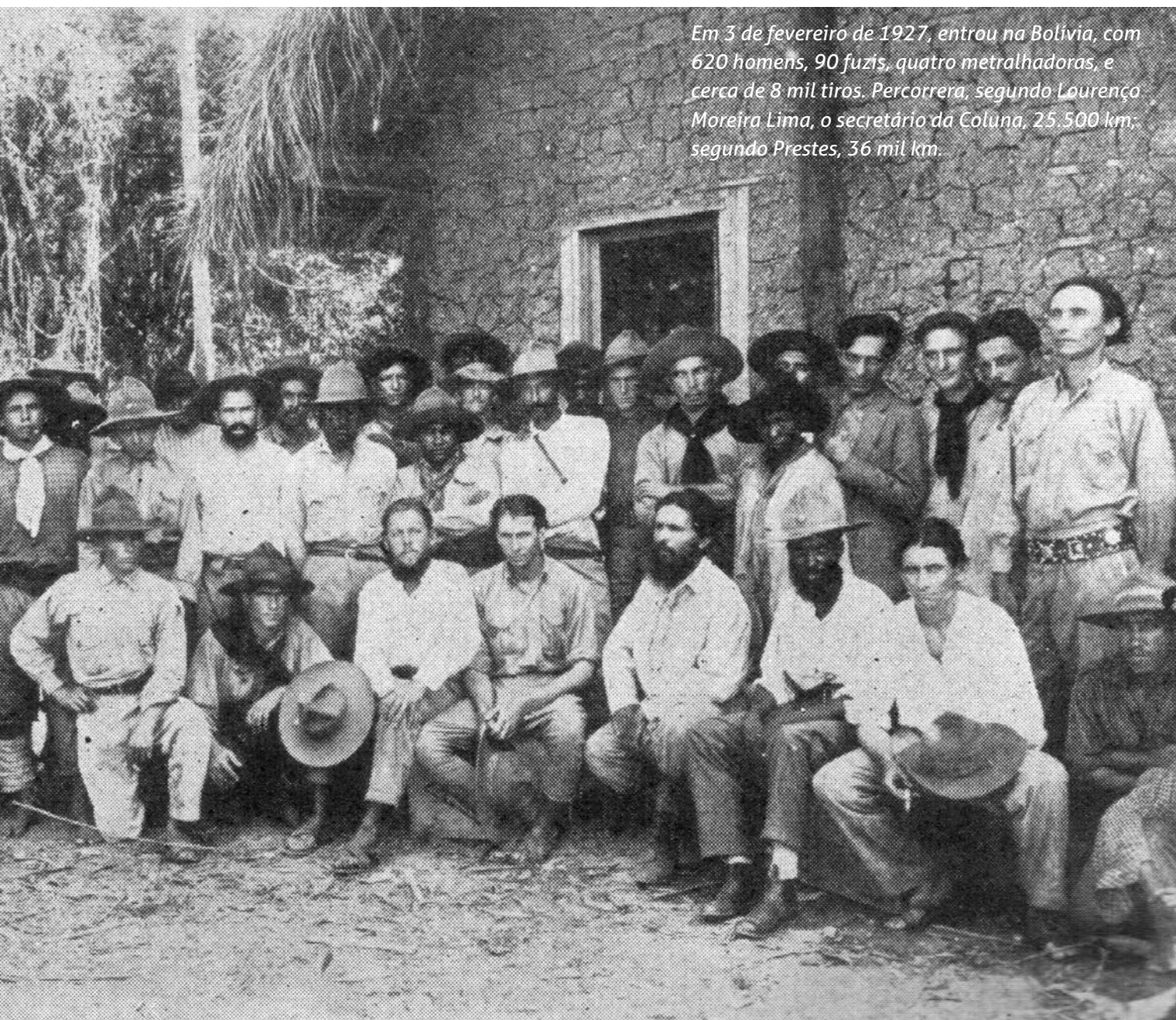
mentando-se só de palmitos e dos poucos bois que lhe restavam para as montadas, sem ter sequer um pouco de sal para temperar a carne. Essa marcha era feita, muitas vezes, com água pelos peitos e, em certas ocasiões, a nado, quando se deparava com algum corixo. Descansava-se, trepando nas árvores. Quase todos estavam descalços e mais ou menos nus”, narrou Lourenço Moreira Lima. Prestes, mesmo sendo o principal comandante da tropa, marchou 200 km a pé, porque cedeu seu cavalo para transportar doentes e feridos.

As deserções não eram coibidas. As punições, inclusive expulsões, eram dadas àqueles que abusavam da força ou eram violentos ou roubavam civis. Uma expulsão, em especial, merece ser mencionada. O Boletim nº 5 da Coluna, de 25 de abril de 1925, noticia a *Exclusão de oficial*: “Seja excluído do estado efetivo das forças revolucionárias o capitão Filinto Müller, por haver, covardemente, se passado para o território argentino, deixando abandonada a localidade de Foz do Iguaçu, que se achava sob sua guarda (...) levando armas e munição pertencentes à Revolução. Oxalá que esse oficial futuramente se justifique perante seus companheiros que ainda lutam em defesa da República dessa acusação, que pesa na sua consciência de filho desta grande pátria”. Assinado, general Miguel Costa, comandante da 1ª Divisão Revolucionária.

Esse Filinto Müller, durante a ditadura Vargas, foi chefe da polícia política e realizou prisões arbitrárias e torturou prisioneiros. Foi ele quem prendeu a judia alemã Olga Benário, militante comunista e companheira de Luís Carlos Prestes, à época grávida, e depois deportada para a Alemanha, onde foi executada em Bernburg, em 1942. Foi ele, também, quem prendeu Prestes, durante o Estado Novo. Foi eleito senador e apoiou o golpe de 1964. Há, no Senado, uma ala com o seu nome, onde, inclusive,



Em 3 de fevereiro de 1927, entrou na Bolívia, com 620 homens, 90 fuzis, quatro metralhadoras, e cerca de 8 mil tiros. Percorrera, segundo Lourenço Moreira Lima, o secretário da Coluna, 25.500 km; segundo Prestes, 36 mil km.



fica o meu gabinete. Mas a história não para, e aguarda votação no Plenário o projeto de resolução do Senado (PRS 36/2011), de autoria da senadora Ana Rita (PT-ES), que altera a denominação da Ala Filinto Müller do Senado para Ala Senador Luís Carlos Prestes.

Lendas se formaram em torno da bravura daqueles brasileiros da Coluna Prestes e sua saga. Em Porto Nacional, surgiu o boato de que a Princesa Isabel integrava a Coluna, e o povo local queria vê-la. Em Goiás, moradores da barranca de um rio acreditavam que os lutadores só comiam as partes dianteiras do gado, para assim andar mais depressa. No Maranhão, os sertanejos acreditavam que uma negra feiticeira tinha “fechado o corpo” dos soldados da Coluna, que, por isso, nunca morriam em combate. Em Crateús, ocorreram alguns confrontos entre as forças governistas, que resultou em mortes de alguns dos membros da Coluna, ainda hoje lembrados no “Cemitério dos Revoltosos”, monumento fúnebre no qual foram sepultados dois de seus participantes, tidos como objetos de devoção popular. No contorno das cruzes dos dois “revoltosos” foram erguidas variadas outras, representando sepultamentos de crianças filhas dos devotos. Chamados de “anjinhos”, os mortos prematuramente eram levados até o espaço e sobre ele erguidas pequenas cruzes, que rodearam o monumento fúnebre central.

A Coluna enfrentou as forças regulares, do Exército, mas o que mais combateram foram as forças irregulares, a tropa do latifúndio, com ajuda ou em aliança com as polícias militares estaduais, ou sob comando militar, ou, na maioria dos casos, os jagunços eram conduzidos pelos próprios latifundiários. Nunca foi derrotada, pois só travava as batalhas em que tinha condições de vencer. O governo mobilizou mais de 20 mil homens das tropas oficiais para combatê-la. Travou mais de 50 combates

Cavalarianos trajados a rigor estavam esperando a comitiva liderada por Maria Prestes na entrada de Santo Ângelo. Uma cavalariana homenageava as vivandeiras, como eram chamadas as mulheres da Marcha que percorreu o Brasil entre 1924 e 1927.





contra as tropas federais e os jagunços do latifúndio. Quando os rebeldes não venceram, fizeram retirada e ruptura do cerco. O Pentágono classificou as operações da Coluna Prestes como “modelo de guerrilha”.

Aproximadamente 50 mulheres acompanharam a Coluna, segundo Lourenço Moreira Lima. Na travessia do rio Uruguai, um grupo de mais de 20 mulheres que haviam aderido à Coluna em São Luís Gonzaga e Santo Ângelo, apesar de proibidas de permanecer junto à tropa rebelde, continuaram a acompanhar a marcha. Foram hostilizadas por alguns líderes. Prestes contou, em entrevista a O Estado de S. Paulo, em 1978: “Fui contra a entrada e permanência de mulheres na Coluna”. Mesmo assim, elas seguiram as tropas. As gaúchas que acompanharam a Coluna eram de origem humilde, inclusive camponesas. Algumas foram citadas como exímias combatentes. Carregavam armas e munições, deslocavam-se para os campos de batalha, onde atacavam e defendiam suas vidas e as dos rebeldes.

Várias atuaram como enfermeiras. Retiravam os feridos nas linhas de fogo e, por vezes, os tratavam no próprio campo de batalha. A maioria, jovens maiores de 18 anos, mas havia também algumas com aproximadamente 50. Durante a Marcha, nasceram algumas crianças que migraram para a Bolívia com mais de 2 anos de idade; outras, morreram durante a jornada. “Seus papéis foram diversos: cuidaram dos feridos, espionaram, deram e receberam amor, combateram, cozinham, estimularam a tropa, costuraram, tiveram filhos, amortalharam os mortos”, conta a pesquisadora Maria Meire de Carvalho.

Em Piancó, escreve Lourenço, Tia Maria (quase todas as mulheres eram conhecidas apenas pelos seus apelidos), preta velha que acompanhava a Coluna desde o início, como cozinheira, foi capturada pela polícia paraibana, que a sangrou cruelmente, no

cemitério, obrigando-a, inclusive, a abrir a própria cova. Também nesta cidade, a enfermeira e o irmão do tenente Agenor Pereira de Souza, que ali ficara por estar ferido, foram degolados. Em Amarante, os governistas prenderam a mãe do capitão da Coluna, Manoel Mendes de Moraes, uma viúva de mais de 60 anos, surrando-a, queimando sua casa e destruindo seus pertences.

Quando iniciaram a saga da Coluna, seus integrantes pouco conheciam do Brasil profundo. Eram, em sua maioria, oficiais do Exército e da Polícia Militar de São Paulo; oficiais e sargentos, que se tornaram tenentes, capitães e dirigentes de seus batalhões. Além disso, havia soldados do Exército, da Polícia Militar e trabalhadores. Não tinham um programa político. O objetivo era derrubar o Governo Artur Bernardes e adotar um regime democrático no país. Segundo o historiador Hélio Silva, a marcha “não era uma retirada militar, nem tinha um plano guerreiro. Destinava-se a manter acesa a chama revolucionária. Tornou-se o grande assunto da imprensa e dos líderes da oposição”. O general Isidoro Dias Lopes, logo após o 5 de julho de 1924, escreveu que, apesar do Brasil ser “fantasticamente rico”, “está falido e não pode pagar os fabulosos juros de sua fabulosa dívida, apesar dos milhões de contos de réis extorquidos ao povo nestes últimos 20 anos”. O general Olinto de Mesquita Vasconcelos, na retirada de São Paulo, em 7 de setembro de 1924, doou terras aos índios das barrancas do Paraná e conclamou-os a “varrer o capitalismo do Brasil”, pois, “só haverá realmente povo, quando desaparecerem as castas. O comunismo é o único processo capaz de resolver esse problema”, disse. Mas este não era o pensamento dominante do Tenentismo. Segundo Prestes, ele, Siqueira Campos, João Alberto, Juarez Távora, haviam sido criados nas cidades e no litoral e não conheciam a situação dos homens do





Quando iniciaram a saga da Coluna, seus integrantes pouco conheciam do Brasil profundo. Eram, em sua maioria, oficiais do Exército e da Polícia Militar de São Paulo; oficiais e sargentos, que se tornaram tenentes, capitães e dirigentes de seus batalhões. Além disso, havia soldados do Exército, da Polícia Militar e trabalhadores.

campo, “tão miserável, apesar de conhecermos as favelas das grandes cidades. O quadro era realmente de horrorizar. O que vimos pelo interior de Mato Grosso, Goiás, Nordeste, foi miséria e exploração. Além disso, em condições sanitárias terríveis”. O general Emídio da Costa Miranda contou: “O nosso pensamento político se resumia em levar a Revolução ao maior número de Estados e durar o maior tempo que fosse possível em armas, provando-se, com isso, a incompetência do Governo, por um lado, e, por outro lado, o que poderia fazer o povo, em seu próprio benefício, se resolvesse se organizar e reagir”.

Lourenço conta: “Nunca destruímos as repartições públicas e apenas inutilizávamos os troncos, gargalheiras e correntes que encontrávamos nas cadeias e as horríveis palmatórias que existiam nas escolas para o esbordoamento das crianças. ... Os documentos que destruímos publicamente eram os livros e as listas de cobrança dos impostos para livrarmos o povo, pelo menos por algum tempo, das extorsões do Governo” Em Goiás, lembra ele, “estava preso, numa corrente, na cadeia pública, um preto, acusado da prática de um homicídio. Absolvido pelo júri, contra ele fora lavrada sentença condenatória de 30 anos de prisão celular, por se achar o juiz inteiramente embriagado. E, como o seu advogado não houvesse apelado da iníqua decisão, jazia encarcerado havia onze anos, tendo passado os sete primeiros num tronco e os quatro últimos naquela corrente”. O negro foi libertado pelos revolucionários e seu processo queimado.

Durante a Coluna, Prestes teve seu primeiro contato com o Partido Comunista, através do dirigente pernambucano Cristia-

no Cordeiro, que foi encontrá-lo durante a preparação do ataque a Teresina, no Piauí, para saber se apoiaria um programa de reivindicações da classe operaria, pois preparava um movimento reivindicatório em Recife; mas a Coluna não chegou a Recife. Na Bolívia, os revolucionários entregaram as armas e foram trabalhar numa companhia inglesa, por um ano, e os soldados, pouco a pouco, voltaram ao Brasil. Os oficiais ficaram, principalmente, na Argentina e Uruguai. Prestes ficou na Bolívia, depois Argentina, e, depois de aderir ao Partido Comunista, foi para a URSS.

Além do exemplo vigoroso de luta por um Brasil voltado para os brasileiros, a Coluna revelou um líder do gabarito de Prestes que, no dizer do general Miguel Costa, “era o exemplo perfeito. Sua austeridade de costumes, sua humanidade, davam, com efeito, o exemplo constante. E note-se: a vida na Coluna não era amena. As condições do voluntariado eram ditas com fraqueza a quem quisesse entrar na luta. ‘Aqui não tens soldo, não tens cavalos, não tens espingarda, uniformes, vencimentos. Escolhe. Deste lado, está a verdade, não tens roupa. Do lado do governo, tens armas, munições; uniformes, vencimentos. Escolhe. Deste lado, está a verdade a honra. Do lado do governo...’ O voluntário escolhia, sabendo muito bem o que escolhia. A Coluna encarnava o heroísmo a abnegação, o patriotismo. Deu-nos grandes ensinamentos militares; mostrou a fibra do homem brasileiro, deu a medida da grandeza de nosso povo. É também um símbolo de juventude heroica, porque os comandantes na Coluna eram quase todos jovens. Prestes estava em plena mocidade. Moço, bem moço, mostrava o seu imenso desinteresse pessoal, o estoicismo, a confiança no seu ideal, queria servir unicamente à Pátria. E víamos, durante a marcha, o ‘vasto hospital’ no sertão, a escravização, o analfabetismo do nosso povo. Uma das lições da Marcha era que o Brasil reclamava reformas radicais para





E, como o seu advogado não houvesse apelado da iníqua decisão, jazia encarcerado havia onze anos, tendo passado os sete primeiros num tronco e os quatro últimos naquela corrente. O negro foi libertado pelos revolucionários e seu processo queimado.

vencer o seu atraso, progredir. Não sou comunista. Mas creio que todo homem honesto, seja católico, seja espírita, de ideias diferentes, não pode negar esta verdade: Prestes é um homem de bem”.

Segundo Edmar Morel, a bibliografia sobre a Coluna envolve mais de 5 mil livros, artigos e reportagens, em português e outros idiomas.

Os tenentes tinham grande amor pelo Brasil e desejavam vê-lo grande e respeitado, e esperavam que o povo os ouvisse. O Tenentismo pretendeu purificar o regime republicano, despojá-lo dos desvios, dos erros, dos desmandos que a realidade brasileira lhe impusera. “... no rastro da Coluna ficava a Esperança”, escreveu Jorge Amado.

Recentemente, no mês passado, a União da Juventude Socialista (UJS), em meio às atividades que marcam os 50 anos do golpe de 1964, realizou o projeto “Lutas que construíram o Brasil: da Coluna Prestes à Guerrilha do Araguaia”. Um grupo de 40 jovens visitou e percorreu trechos pelos quais passaram esses dois levantes. Em Palmas, visitaram o “Memorial Coluna Prestes”, onde assistiram filmes e debates sobre esse movimento revolucionário. Depois, foram para Xambioá, São Geraldo do Araguaia, Vila Santa Cruz dos Martírios e Marabá, ambiente onde ocorreu a guerrilha de militantes do PCdoB contra a ditadura militar no país. O objetivo foi desenvolver atividades pedagógicas junto aos moradores locais, promovendo a integração, da mesma forma como os guerrilheiros fizeram na década de 1970. Em Marabá, houve uma sessão oficial da Comissão de Anistia.

O Brasil mudou, para melhor. Em especial nos últimos dez anos, nos governos Lula-Dilma, quando vivenciamos uma vigorosa inclusão social em todas as regiões do país. Estamos também acertando contas com o nosso passado, valorizando nossos

heróis, reescrevendo a nossa história para incluir, nela, as lutas e personagens ligados à construção de uma nação justa e soberana. Os mandatos dos constituintes comunistas de 1946, inclusive do senador Luís Carlos Prestes, foram restituídos. Também foram restituídos os mandatos do presidente João Goulart e dos parlamentares federais cassados pela ditadura imposta em 1964. A Grande Marcha segue nas lutas do povo e nas atividades da juventude, para fazer avançar o Brasil que a Coluna Prestes descortinou.

Encerro com as palavras do general Henrique Cunha, outro participante da Coluna Invicta:

— A melhor homenagem que se pode prestar aos heróis revolucionários que se sacrificaram por um Brasil progressista, economicamente independente, é manter e conservar em mãos firmes a bandeira libertadora dos 5 de julho. É um dever que incumbe a todos os brasileiros patriotas: conquistar a libertação econômica da nossa pátria; lutar em defesa do nosso patrimônio, de nossas riquezas minerais estratégicas e radioativas, de nosso petróleo, contra a cobiça dos trustes internacionais, de lutar sem desfalecimento pelo prosseguimento da industrialização do país, garantia de nossa segurança e defesa; de lutar por uma reforma agrária que elimine a miséria, a fome, as doenças e o abandono dos campos; de lutar pelo respeito ao exercício dos mandatos conferidos pela vontade soberana do povo livremente expressa nas urnas; de lutar pelo ideal de paz, pela proibição de guerras de conquista, consagrado em todas as nossas Constituições, enfim, manter bem vivo o espírito de confraternização com o povo nas suas lutas pelos ideais de independência econômica, de paz, democracia e progresso. É esta a melhor maneira de homenagear aqueles bravos revolucionários e sermos dignos de suas gloriosas tradições.





Maria Prestes recebe a homenagem póstuma do Congresso Nacional aos combatentes da Coluna, em nome de Luiz Carlos Prestes.

Nos 90 anos da Coluna Prestes-Miguel Costa - A importância da Coluna hoje

Marly de A. G. Vianna



Em primeiro lugar gostaria de agradecer o convite – que muito me honra - e agradecer muito a meus amigos do PCdoB por ele, em especial ao Augusto Buonicore.

Falar da Coluna é falar do tenentismo, de cujo movimento a Coluna foi o episódio mais importante.

Os tenentes contribuíram decisivamente para as mudanças que ocorreram no Brasil, para a derrubada da Primeira República e a vitória da Revolução de 1930, que foi um momento marcante de nossa história. E justamente o que deu protagonismo aos tenentes, fazendo com que desempenhassem tal papel, foi a epopéia da Coluna.

Os tenentes foram um grupo de rebeldes revolucionários, que lutaram pela realização dos anseios e das necessidades que eram de toda a sociedade. Foram os jovens militares que representaram o povo nessa luta, uma vez que a classe operária estava ainda desorganizada, profundamente reprimida e... sem armas.

Apesar de seu programa parecer restrito – “Representação e Justiça” – na prática sua ação significou uma luta radical contra as oligarquias e pela democracia política. Não foi pouco.

Para Abgvar Bastos (*Prestes e a Revolução Social*) o tenentismo passou por três fases – que marcaram a evolução do movimento. Num primeiro momento foram elementos que agiam isoladamente, militares, com uma ação reduzida aos quartéis. Num segundo momento eles ligam-se às oposições políticas locais ou regionais – em especial do Rio Grande do Sul –, ampliando seu alcance com forças políticas civis. Finalmente uniram-se à oposição federal, na sucessão de Washington Luiz, e levam a cabo a Revolução de 1930.

Falando da contribuição decisiva da Coluna para as mudanças ocorridas no país, político importante da época, Paulo Nogueira Filho, disse: “a arrancada da Coluna Prestes foi o fato capital no setor revolucionário”. Quer dizer, entre as idas e vindas da oposição que organizou-se na Aliança Liberal, foi a Grande Marcha que fez com que o movimento revolucionário não esmorecesse.

Pela imprensa, a marcha - e Prestes – fora saudados com entusiasmo. Moreira Lima, secretário da Coluna, escreveu: “Prestes não é somente uma das maiores afirmações da energia e da inteligência de nossa raça, mas um dos tipos mais eminentes de toda a humanidade”. (*A Coluna Prestes, Marchas e combates*) Diziam as manchetes dos jornais: “Prestes, maior que Aníbal!” Somente a marcha de Alexandre, o Grande, ultrapassara a da Coluna.

Além da influência no processo revolucionário que ocorria no país, a coluna marcou profundamente o povo, em especial o do interior. E apesar de não haver uma adesão da população à marcha, o mito que se criou em torno da coluna e de Prestes foi forjado pelo apoio e admiração que lhe devotaram as populações de por onde passou – e passou por quase todo o país.

É também de Moreira Lima, que escrevia o do diário da Coluna quem diz: “O nome de Prestes enchia todos os pensamentos. Os matutos, quando nos encontravam, era logo por quem perguntavam e

A solidariedade gaúcha e a Coluna Prestes

Em 28 de outubro de 1924, em solidariedade aos revoltosos paulistas que continuavam lutando, vários quartéis do Rio Grande do Sul se rebelaram, entre eles o Batalhão Ferroviário de Santo Ângelo comandado pelo capitão Luiz Carlos Prestes. Este jovem oficial, unido a outros revolucionários – como Antônio de Siqueira Campos, Oivaldo Cordeiro de Farias e João Alberto Lins de Barros – deu início à coluna gaúcha. No Paraná ela se encontraria com a coluna paulista e formariam a Coluna Miguel Costa-Prestes.

Jovem oficial Prestes no Rio Grande do Sul antes de se rebelar em 1924.

O Libertador: órgão do Brasil – jornal lançado pela Coluna gaúcha comandada por Prestes em São Luís Gonzaga em 6 de novembro de 1924.

Encontro das colunas gaúcha e paulista no Paraná em 11/04/1925

O comando da Coluna Prestes

Comando da Coluna Prestes em Porto Nacional, Goiás, em outubro de 1925. Em pé, da esquerda para a direita: José Pereira Machado, Atanagildo Franco, Emigílio da Costa Miranda, João Pedro Gonçalves, Paulo Kruger de Castro Cruz, Ary Silveira Franco, Nelson Machado de Souza, Manoel Alves Lins, Sady Velloso Machado, André Trifino Correia e Beto Landucci. Sentados, da esquerda para a direita: Diácono Soares Dutra, Antônio de Siqueira Campos, Luiz Carlos Prestes, Miguel Costa, Joazez Tinari, João Alberto Lins de Barros e Oivaldo Cordeiro de Farias.

O levante de 1922

A Coluna Prestes é considerada um dos fatos decisivos da história política brasileira do início do século XX. Ela fez parte do chamado movimento tenentista, que representou um dos pontos altos da oposição democrática à República Velha (1889-1930). O tenentismo ergueu alta a bandeira da realização de profundas reformas políticas, econômicas e sociais no país. Denunciou as mazelas do Estado oligárquico que, com seu sistema eleitoral fraudulento e antidemocrático, excluía grande parte da população dos direitos políticos e sociais. Seu marco inicial foi o levante do Forte de Copacabana, ocorrido em 5 de julho de 1922. Nela, 17 jovens militares e um civil – que ficaram conhecidos como os “18 do Forte” – enfrentaram o poderio das forças governistas. Nesse conflito desigual apenas dois revoltosos sobreviveram: Eduardo Gomes e Siqueira Campos.



Revoltoos caminham pela rua. Da esquerda para a direita, tenentes Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Newton Prado e o civil Otávio Carneiro.



Artur Bernardes – O presidente que governou o país sob o Estado de São Paulo em quatro anos de seu mandato (1922-1926).



São Paulo sob fogo. Começa a marcha dos paulistas

Em julho de 1924 eclodiu em São Paulo o segundo levante dos tenentes. A rebelião contou com a adesão da Força Pública Estadual e foi chefiada pelo general Isidoro Dias Lopes. A revolta obrigou o governador a abandonar a capital paulista. O presidente Artur Bernardes decretou Estado de Sítio e autorizou o bombardeio da cidade. Os tenentes conseguiram romper o cerco governista e se dirigiram para o interior, seguindo até o Paraná.



General Isidoro Dias Lopes (1865-1949), comandante das revoltas paulistas em 1924.



Miguel Costa – Subtenente a Força Pública de São Paulo e seu líder na Batalha de Ceratona, liderada por Artur Bernardes e Eduardo Gomes, na batalha de 1ª Batalha de Infantaria.



Externato Mattoso atingido por tiros das tropas do governo federal.



Tenente Cabanas, primeiro a sequestrar, e revolucionários de São Paulo.



Revolucionários desfilam na capital paulista depois do bombardeio.



O jornal **Correio Paulistano** dá como normalizada a situação na cidade de São Paulo.



quando se achavam em sua presença olhavam-no com respeito supersticiosos, admirados de ser nosso chefe aquele moço pequenino e cabeludo, de face pálida e maneiras delicadas. A fama de Prestes empolgava a alma angustiada das multidões sofredoras como uma promessa de liberdade e de justiça”. Prestes tornou-se o Cavaleiro da Esperança

Criaram-se mitos: Como a coluna não era derrotada por forças muito superiores, e ressurgia sempre, superando as mais incríveis situações, o povo simples do interior criou em torno dela lendas milagrosas. Diziam que com a coluna seguia uma feiticeira que dançava diante de uma metralhadora, ao som de um flautim, e com essas danças os soldados ficavam de corpo fechado e não valiam contra eles as balas do inimigo. Esta mística simplória era a maior homenagem que lhe podiam prestar

Não há tempo para falar da genial estratégia militar da coluna, das derrotas infringidas a seus perseguidores, das dificuldades enfrentadas, das abnegações, das bravuras, da tenacidade. E nem de relembrar todos os nomes, como Siqueira Campos, chamado de “O Leão de Copacabana”, Djalma Dutra, “O demônio das caatingas”, Cabanas, que comandava a “Coluna da Morte” e tantos e tantos outros, oficiais e praças.

Mas há que destacar a figura de Miguel Costa. Este, por toda sua luta revolucionária – herói das batalhas paulistas – era o comandante da coluna. No entanto, foi o próprio Miguel Costa, numa atitude rara para quem tinha o seu nome, forjado na luta, e a quem cabia o comando da coluna, que se colocou num segundo plano, deixando

Painéis da exposição de 90 anos da Coluna, montada pela Fundação Maurício Grabois.

que Prestes, chefe do Estado-Maior, assumisse a direção da luta. Retirou-se deliberadamente, quando considerou a eficácia da direção militar de Prestes. E irá demonstrar, em ocasiões futuras, que ele, Miguel Costa, não era só um grande chefe militar, mas uma grande cabeça política.

Durante a lona marcha houve várias situações pitorescas, uma delas, contada pelo próprio Prestes:

Um dia, no Piauí, estávamos todos juntos, os oficiais, e um ajudante de ordens do Djalma Dutra, muito pernóstico e engraçadíssimo, veio dizer que a Alzira, uma das mulheres que nos seguia, estava fazendo grande desordem num baile lá no bairro onde estava acantonado o batalhão do Djalma Dutra. Este chamou o soldado e disse: “Vá chamar a Alzira e traga ela aqui já!”. Então ele bateu nos calcanhares: “Pronto!” e foi embora. Daí a pouco voltou: “Pronto, seu coronel! A Alzira disse que só vem nua!” Aí todos caímos na gargalhada, foi uma gargalhada geral e tivemos que dispensar a presença da Alzira...

Termino com uma apreciação de Prestes sobre a Coluna:


Eu acho que o mais importante sobre a coluna é compreender o seguinte: que embora nós não tivéssemos um programa, como nós lutávamos contra o governo federal e contra os governos estaduais e municipais, a coluna tinha um caráter revolucionário. Quer dizer, objetivamente nós estávamos lutando contra o imperialismo e o latifúndio, sem saber nem o que era o imperialismo nem o latifúndio. Mas era uma luta ob-

O Cavaleiro da Esperança

O período de exílio dos revolucionários coincidiu com o fim da censura à imprensa. Então, redações da Coluna foram apresentadas como um dos grandes feitos do povo brasileiro na busca de justiça e liberdade. O jornal *A Esquerda* deu a Prestes o título de “Cavaleiro da Esperança”. Em entrevista dada no exterior Prestes afirmou: “A revolução tem um programa que todos nós juramos cumprir. Se pudermos voltar ao Brasil num ambiente de liberdade, lutaremos pelas reformas políticas do nosso programa”. A Coluna Prestes abalou os alicerces da República Velha e trouxe ventos de renovação à sociedade e à política brasileiras, e permitiu a vitória relativamente fácil da Revolução de 1930. Através dela muitas das bandeiras levantadas pelos tenentes – como voto secreto e criação de uma justiça eleitoral – puderam ser realizadas. Outras, contudo, precisariam ainda de algumas décadas para ser conquistadas.




Rebeldes em La Guaiaba (Bahia). Prestes montado comprimenta seus comandados ali que todos tivessem emprego.



Dona Leopoldina e o balão de 5 de julho.

Homenagem a Siqueira Campos
O esquadrão democrata deixou um legado na posteridade: “A Pátria todo se deve dar e nada pedir, nem mesmo a compreensão”.




Folha da Noite
Faz um ano que morreu Siqueira Campos




Alguns tenentes que, com Getúlio Vargas, participaram da Revolução de 1930. Da esquerda para a direita: Miguel Costa, Góes Monteiro, Getúlio Vargas e Francisco Monteiro.

A consciência da miséria na qual vivia o povo brasileiro foi proporcionando a alguns dos tenentes, especialmente a Prestes, um salto na consciência social e patriótica. Compreenderam que era preciso ir muito além do programa proposto pelos liberais. Começaram a sentir a necessidade de agregar à sua pauta a questão agrária, da soberania nacional e dos direitos sociais do povo. Foram entendendo que não se tratava apenas de mudar um presidente ou de moralizar o antigo regime. Era preciso substituí-lo. Por isso, muitos dos tenentes capitaneados por Prestes ingressaram no Partido Comunista do Brasil e ajudaram a construir a Aliança Nacional Libertadora em 1935. Astrojildo Pereira, secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB), foi à Bolívia para conversar com Prestes e entregar-lhes livros e revistas marxistas. Logo Prestes viajaria à União Soviética e ingressaria no partido comunista, tornando-se o seu principal dirigente.



PRESTES na URSS



Pós-Governo Popular Radical Revolucionário

Prestes na URSS no início da década de 1930

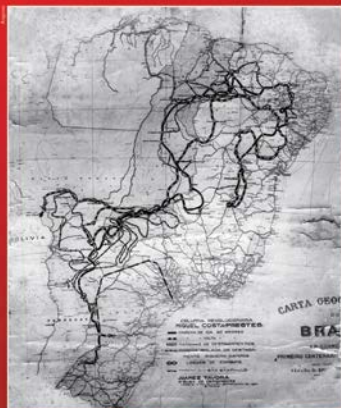
Propaganda da ANL - A Aliança Nacional Libertadora que se inspirou no legado democrático e progressista da Coluna Prestes.

Prestes preso - Após a derrota do levante da ANL, Prestes passou quase dez anos na prisão.

Comício no Pacembu - Prestes é ovacionado por multidões após sua saída da prisão no final do Estado Novo.

Os caminhos da Coluna Prestes

A Coluna Prestes, como ficou conhecida, percorreu uma distância de 25 mil quilômetros, atravessando 11 estados brasileiros: do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Foto que faz dela uma das maiores marchas militares da história mundial. A saga terminou em 3 de fevereiro de 1927, quando Prestes se internou na Bolívia com 620 combatentes, e Siqueira Campos se abrigou no Paraguai com 65 de seus homens. Por não ter sido derrotado, apesar de duramente combatido por tropas do governo federal e dos governos estaduais, ganhou a denominação de Coluna Invicta.



Mapa do trajeto da Coluna

jetiva e por isso é que ficou o nome da coluna e teve esse papel histórico, porque foram, afinal dois anos e tanto de resistência, atravessando as regiões mais ínvias do país, as regiões mais atrasadas do país nós atravessamos... Não tivemos adesão nenhuma. (...) Não tínhamos armamento suficiente nem munição, mas a nossa preocupação estratégica era manter a luta, manter a resistência.

E os homens notáveis da Coluna Invicta mantiveram a resistência e a luta até o final de suas vidas.

Imagens da Coluna Prestes



Prestes a cavalo acompanhado seus homens. Nascimento da Coluna da Esperança.



Soldados do 3º destacamento da Coluna Prestes, cujo nome era desconhecido. É possível constatar a presença de soldados negros.



Revolucionários libertam idoso que estava preso há 11 anos no quartel em Porto Nacional (GO), outubro de 1925.



Frades capuchinos de Curitiba (Paraná) com oficiais da Coluna



O cuidador de cavalos. Agostinho, o mascote da Coluna



Lampião - O encontro que não aconteceu. Virgílio Ferreira, o Lampião, principal líder dos cangaceiros, foi nomeado Capitão do Exército brasileiro para cacar a Coluna Prestes. Ele acabou o não, mas não perseguiu a Coluna.

Jô Moraes (PCdoB - MG) – Renan Calheiros (PMDB - AL)



uma justa homenagem que o Congresso Nacional presta, nesta sessão solene, às nove décadas da Coluna Prestes, episódio marcante da história política de nosso País. O movimento, que, entre os anos de 1925 e 1927, percorreu cerca de 25 mil quilômetros das estradas de 11 Estados brasileiros, teve como principal causa a insatisfação de parte dos militares com a forma com que o Brasil era governado na época: sem direitos democráticos, com graves fraudes eleitorais, grande concentração do poder político nas mãos da elite agrária e exploração das camadas mais pobres da

população. Ao denunciar as condições precárias de sobrevivência de grande parte da população, os participantes enfrentaram grandes adversidades e confrontos, tanto com forças policiais, quanto com bandoleiros.

Como a tática da Coluna era, basicamente, evitar confrontações, as baixas ocorriam mais por doenças do que por ferimentos nos campos de batalha. Mas, muito mais que se indignar contra a miséria dos brasileiros e contra a injustiça social, evitando a violência, a Coluna tinha as suas bandeiras de luta concentradas, principalmente, na implantação do voto secreto e do ensino fundamental obrigatório no Brasil.

O movimento contribuiu para o esclarecimento da população sobre a falta de democracia e sobre o poder concentrador oligárquico da República Velha. Além disso, revelou a figura de Luís Carlos Prestes que, por sua atuação em defesa de um futuro melhor para os brasileiros, recebeu o apelido de Cavaleiro da Esperança.

Prestes foi figura emblemática na história política de nosso País, tendo sido eleito Senador, em 1945, pelo então Partido Comunista do Brasil com a maior votação proporcional até então. Infelizmente, teve seu mandato cassado após o Tribunal Superior Eleitoral ter cancelado o registro do partido em 1947.

Há precisamente um ano, o Senado Federal reparou essa mácula de nossa história, devolvendo o mandato de Senador a Prestes, com as presenças da viúva Maria do Carmo Ribeiro, de filhos e outros familiares.

O escritor Pablo Neruda, na sua obra Canto Geral, na qual relata a história da América Latina, refere-se a Luís Carlos Prestes como “claro capitão”. Segundo o grande poeta chileno, Luís Carlos Prestes, como nenhum outro brasileiro, tivera uma vida tão marcada pela tragédia quanto pelo talento. Assim é que, ao comemarmos os 90 anos da Coluna Prestes, não



Após as solenidades, as homenagens continuaram no salão nobre da Câmara, com o lançamento do livro de Maria Prestes.



podemos deixar de nos referir ao notável brasileiro que a liderou. Naquelas áridas circunstâncias desse momento histórico memorável, Prestes se revelou com a força de seu caráter e a perseverança com que perseguiu os seus ideais.

Em seus pronunciamentos e em seus apartes, além da defesa de seu ideário socialista que incluía a limitação da jornada de trabalho, o direito de greve, a justiça gratuita, o rito sumário para as causas que envolvessem o trabalhador rural e a estabilidade para o funcionário público, manifestava sempre sua grande inquietação com os destinos do País.

Em um discurso que ficou célebre, proferido durante a Constituinte de 1946, Prestes afirmou que errar é dos homens, mas que acreditava no predomínio da inteligência e na força dos argumentos. Disse que comungava a premissa de que todos são capazes de corrigir erros e reformar opiniões. Um traço marcante de seu caráter foi, sem dúvida alguma, a crença de que o diálogo e a compreensão abrem caminhos para o entendimento. Convicções essas essenciais para a vida política, sem as quais fica muito mais difícil trazer à luz as nossas reivindicações e nossas demandas. Foi o que fez Prestes durante toda sua vida, seja atravessando o País esclarecendo a população, como fez a Coluna Prestes, seja aqui, na tribuna do Senado, defendendo os direitos de todos os brasileiros. Comemoremos, pois, os 90 anos da Coluna Prestes lembrando sempre de seu maior líder, o grande Luís Carlos Prestes, que, mesmo durante o período em que permaneceu preso, manteve a esperança em um futuro melhor e a crença na capacidade humana de se redimir.

São essas as palavras do Presidente desta Casa.

Deputado Assis Melo (PCdoB - RS)



este ano de 2014 rememoramos os 90 anos de deflagração do movimento que ficou nacionalmente conhecido como Coluna Prestes ou “A Coluna Invicta”, como assim descreveu Anita Leocádia Prestes, em seu livro “Uma Epopeia Brasileira – A Coluna Prestes”: *“Durante dois anos e três meses, a Coluna com cerca de 1.500 combatentes, sendo 50 mulheres, percorreu mais de 25.000 km, derrotou 18 generais situacionistas, enfrentou o cerco de tropas muito superiores em poderio bélico e em soldados e, mesmo não vencendo, jamais foi derrotada, entrando na Bolívia em 03 de fevereiro de 1927, organizada e de cabeça erguida, com cerca de 600 homens”*.

Sua origem remonta a luta desenvolvida por jovens tenentes, iniciada 02 anos antes e contrária às oligarquias rurais então predominantes na condução dos destinos de nossa nação. Iniciada em cinco de julho de 1924, no estado de São Paulo, a Coluna Prestes deixou escrita uma das páginas mais vibrantes na história da resistência democrática de nosso país. Seus objetivos permaneciam os mesmos do movimento anterior, ou seja, a ausência de democracia, as fraudes eleitorais que perpetuavam no poder a elite agrária e a

exploração das camadas mais pobres da população, cujos destinos eram traçados por líderes políticos regionais.

A luta desigual contra as forças oficiais da velha república obriga o movimento, então liderado pelo general reformado do Exército Isidoro Dias Lopes, a se deslocar do Estado de São Paulo em direção ao sudoeste, percorrendo o Estado do Paraná e cravando no Rio Grande do Sul uma base de resistência que orgulha o povo gaúcho.

Em apoio ao movimento, iniciado em São Paulo, deu-se na noite de 28 de outubro de 1924 o levante do 1º Batalhão Ferroviário (1º BF), situado no município de Santo Ângelo, desencadeando a rebelião que se estenderia por outras unidades militares do estado do Rio Grande do Sul.

É oportuno destacar o respeito e a fidelidade conquistados por Luís Carlos Prestes quando comandou o 1º Batalhão Ferroviário (1º BF), durante quase dois anos. Foi com estas credenciais que nosso combatente liderou, tendo o apoio dos dois únicos sobreviventes do movimento de 1922, que após o massacre dos “18 do Forte de Copacabana” haviam sido transferidos para o Rio Grande do Sul. Siqueira Campos foi para São Borja e Juarez Távora para Uruguaiana, e tendo ainda a participação destacada do jovem tenente Aníbal Benévolo, oficial da Brigada de Cavalaria de São Borja, os militares rio-grandenses se deslocam de Santo Angelo até São Luís Gonzaga, onde receberam o apoio do 3º Regimento de Cavalaria Independente (3º RCI), então localizado no antigo colégio jesuíta, sob o comando do Tenente João Pedro Gay e lá ficam uma trincheira de resistência as tropas oficiais.

Por suas características especiais, afastado das linhas ferroviárias que dificultavam o deslocamento das tropas governistas, e sob o comando de Prestes e outros militares revoltosos - como os tenentes Mário Portela, Siqueira Campos, João Alberto Lins de Barros e Osvaldo Cordeiro de Farias, estava formado, a partir do município



Siqueira Campos

Luís Carlos Prestes liderou, tendo o apoio dos dois únicos sobreviventes do movimento de 1922, que após o massacre dos “18 do Forte de Copacabana” haviam sido transferidos para o Rio Grande do Sul. Siqueira Campos foi para São Borja e Juarez Távora para Uruguaiana



Juarez Távora

de São Luis Gonzaga, o embrião de uma nova forma de combate, então desconhecida da oficialidade militar: a guerra de movimento, que consistia em abandonar pontos fixos que facilitavam o sufocamento do movimento e permitia arregimentar novos apoios por onde passavam.

As tropas leais aos governantes, que haviam promovido um cerco à cidade de São Luís Gonzaga - conhecido como "Anel de Ferro" em função do grande contingente militar deslocado para aquela região, não foram capazes de conter o ímpeto dos combatentes que "furaram" o cerco imposto e se deslocaram ao encontro dos demais revoltosos.

O encontro das tropas sulistas, que contavam com cerca de 800 combatentes, com o agrupamento que havia iniciado a revolta em São Paulo, deu-se no município de Nova Iguaçu, Estado do Paraná, o que possibilitou uma reorganização da resistência do movimento tenentista, com a formação da 1ª Divisão Revolucionária, agora sob o comando do major Miguel Costa, que era então o oficial de maior patente entre os jovens militares. A Coluna Prestes, como ficou nacionalmente conhecida, entrou pelo atual Mato Grosso do Sul, atravessou o país até o Maranhão e dirigiu-se para o Nordeste. Em seguida, retornou a partir de Minas Gerais, refazendo parte do trajeto da ida e cruzando a fronteira com a Bolívia, em fevereiro de 1927, fustigada pela cólera, com poucos armamentos e munições, porém nunca derrotados.

O povo gaúcho tem orgulho de um de seus filhos mais ilustres, o capitão Luís Carlos Prestes - nascido em Porto Alegre, em 03 de janeiro de 1898, e de tantos bravos combatentes, que marchando pelo interior do Brasil empunharam bandeiras de liberdade e de respeito aos desprotegidos. Bandeiras que nos são caras até hoje, pelas quais damos o melhor de nosso empenho nesta trincheira que é o parlamento. Passados estes 90 anos, renovamos os ideais daqueles

heróis brasileiros e olhando para o passado, tiramos lições, para no presente, construirmos um país melhor.

Obrigado

Sala das sessões, Maio de 2014

